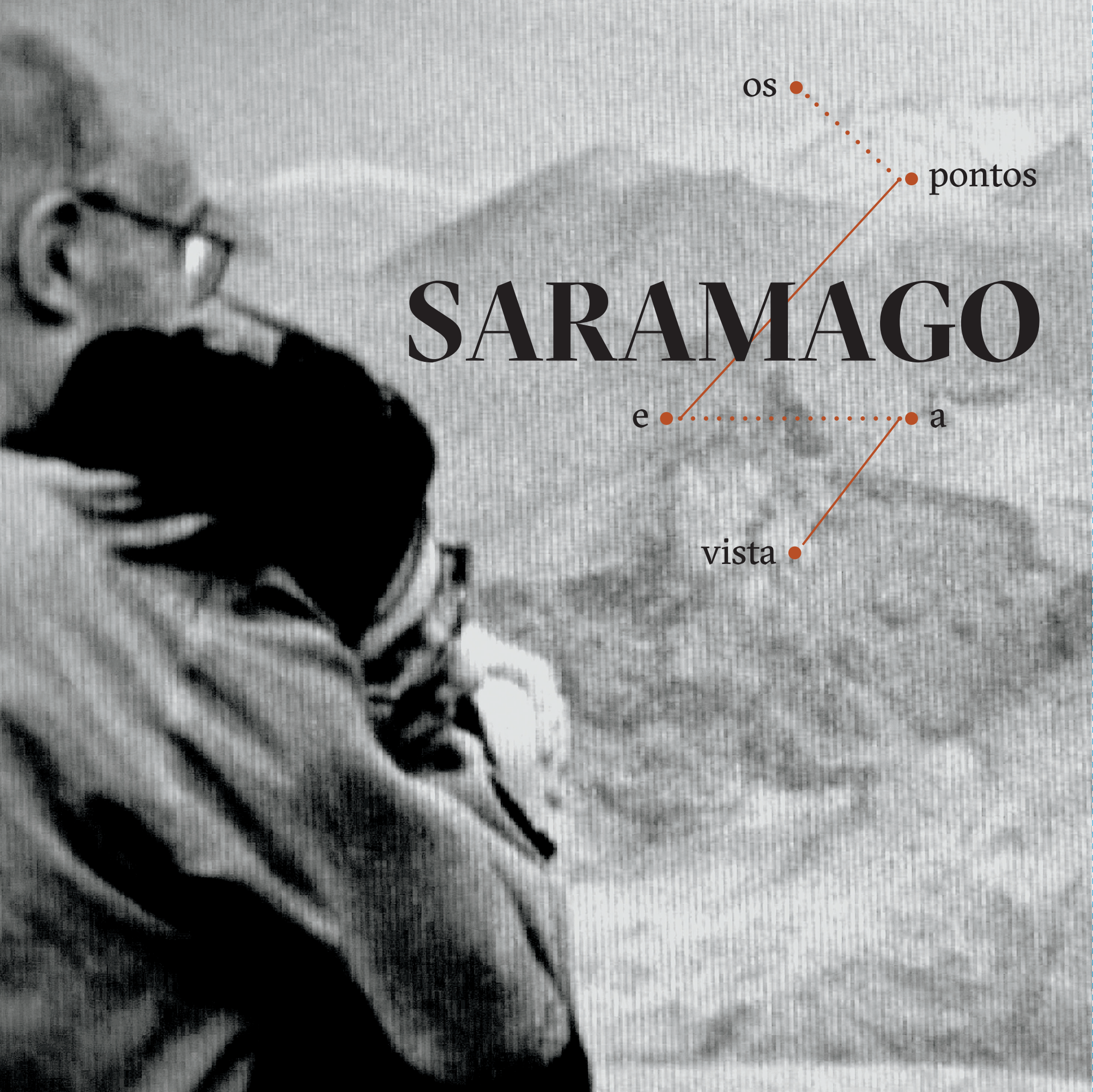




os

pontos

SARAMAGO

e

a

vista

os pontos
SARAMAGO
e a
vista

```
graph TD; os((os)) -.-> pontos((pontos)); pontos -.-> e((e)); e -.-> a((a)); a -.-> vista((vista));
```

MINISTÉRIO DA CULTURA E SANTANDER
APRESENTAM

OS pontos
e a vista

SARAMAGO

CURADORIA
MARCELLO DANTAS

PATROCÍNIO

PRODUÇÃO

PARCERIA

REALIZAÇÃO



Magnetoscópi©



MINISTÉRIO DA
CULTURA



6 DE MARÇO A 3 DE JUNHO DE 2018



“O tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar”, afirmou José Saramago. O escritor, poeta, contista, dramaturgo e jornalista, considerado a maior expressão da literatura portuguesa contemporânea, recebe uma retrospectiva num momento extremamente importante para a história do Santander.

O encontro do Santander com o premiado Nobel de Literatura, por meio da exposição inédita *Saramago – os pontos e a vista*, está atrelado à memória, um dos alicerces que dão sentido à vida. A mostra é a primeira iniciativa biográfica apresentada no **Farol Santander**, novo centro destinado a cultura, entretenimento e empreendedorismo, recentemente inaugurado em pleno coração de São Paulo. A construção da década de 1940, com 161 metros de altura, se destaca no horizonte da cidade.

A proposta de um olhar em 360 graus, seja pela São Paulo de hoje ou pela vida e obra de José Saramago, é uma marca das duas iniciativas. Por um lado, um dos mirantes mais altos da cidade, com vista panorâmica que pode chegar a 40 quilômetros. Por outro, um rico acervo de memorabilia e materiais audiovisuais, numa ampla vivência do ponto de vista de Saramago em primeira pessoa, nas suas diferentes dimensões.

A edição dos filmes, criados especialmente para a mostra, proporciona uma imersão muito além da crítica afiada e do texto detalhista com pontuação nada convencional, da fala dos personagens reais e fictícios, muitas vezes confundida com autorreflexão. A exposição revela o Saramago cidadão, observador, amante, solidário e com humor peculiar.

Desejamos uma ótima visita à exposição *Saramago – os pontos e a vista*, assim como ao **Farol Santander**.

MARCOS MADUREIRA
PRESIDENTE SANTANDER CULTURAL





9	OS PONTOS E A VISTA DE SARAMAGO MARCELLO DANTAS
12	OBJETO DE IDENTIDADE
14	AZINHAGA
16	SONHO
18	LÍNGUA
20	VISÃO
22	DECISÃO
24	ENCONTRO
26	LANZAROTE
28	DESLOCAMENTOS
30	NATAL NO MÉXICO
32	A VIAGEM DO ELEFANTE
34	DEUS
36	O TEMPO
38	A MORTE
40	CRONOBIOGRAFIA
54	TEXTOS EM INGLÊS



RETRATO DE JOSÉ SARAMAGO © Helena Gonçalves

MARCELLO DANTAS
CURADOR

OS PONTOS E A VISTA DE SARAMAGO

A OBRA DE JOSÉ SARAMAGO é, sem dúvida, um dos maiores legados da literatura contemporânea. Mas não é somente ela que inspira esta exposição. A motivação é também revelar mais do homem que ele foi, por meio de episódios memoráveis da sua vida, e mostrar suas principais características: a capacidade de aprender, de observar, de se reinventar, de amar e de, incansavelmente, se deslocar – seja em nome de uma causa, seja para defender um novo ponto de vista.

Sua trajetória errante e inquieta, desde o nascimento em Azinhaga até a morte em Lanzarote, é o objeto desta exposição. A base da pesquisa foi o extenso acervo de imagens e depoimentos captados por Miguel Gonçalves Mendes para o filme *José e Pilar*, durante os cinco anos em que conviveu de perto com o autor. Há momentos preciosos e inesquecíveis, muitos deles inéditos. O que nos interessa é o cidadão, o observador, o amante, o solidário, o seu humor. José tinha uma dimensão desproporcional: uma vida em que sua estatura, seja física, intelectual ou cívica, sempre contrastou com os ambientes em que esteve.

Para Saramago, a separação entre obra e vida pessoal era muito tênue: suas preocupações e visões de mundo estavam presentes tanto em seus livros quanto no dia a dia. Todas as suas ações refletiam um compromisso com o mundo, o mundo que lhe deu tanto e com o qual queria contribuir. Ao nos aproximarmos de seu universo, percebemos seu profundo interesse sobre a condição humana e as relações de poder. Essa reflexão sobre o que nos torna humanos é a força que carrega como cidadão e que permeia sua criação literária.

Apesar de a escrita ter estado presente em toda a sua vida, José exerceu diversas atividades antes de se tornar escritor, o que o permitiu experimentar a vida a partir de diferentes pontos de vista. Esse acúmulo de perspectivas o ajudou a formar seu modo único de enxergar o mundo. E o fato de se assumir escritor numa idade madura se traduziu na forma sintética que conseguiu exprimir sua essência. Um dos bons paradoxos que Saramago carrega é o quanto, apesar de seu declarado ateísmo, o terreno da fé e da religiosidade lhe foi fundamental como matéria-prima e como motor para estabelecer sua poética.

“(…) é necessário sair da ilha para ver a ilha, não nos vemos se não saímos de nós (…)”.
(*O Conto da Ilha Desconhecida*)

*“Não é a pornografia que é obscena,
é a fome que é obscena”.*

JOSÉ SARAMAGO



OBJETO DE IDENTIDADE

“**José:** O meu nome completo é José de Souza Saramago.

MIGUEL GONÇALVES MENDES: Não é só o seu nome, o nome dos seus pais, a sua idade, onde nasceu e o que que faz.

José: Homem isso é uma confusão...

MIGUEL GONÇALVES MENDES: É uma espécie de bilhete de identidade.

José: Pois eu me chamo José de Sousa Saramago, mais conhecido por José Saramago. Nasci numa aldeia chamada Azinhaga. No meu bilhete de identidade diz que eu nasci no dia 18 de novembro de 1922, mas não é verdade. Nasci no dia 16, porque como a declaração de nascimento se fez dois dias atrasada em relação ao prazo, para não pagar a multa, mudaram-me o dia de nascimento para o dia 18. Sou escritor, quer dizer que escrevo. Tenho o privilégio infinito de viver daquilo que escrevo, e não sei se há mais alguma coisa para contar... Ah, há mais uma coisa para contar: o nome do meu pai, que ficou por dizer. Minha mãe chamava-se Maria da Piedade, e o meu pai foi batizado com o nome de José de Sousa. Acontece que na aldeia naquele tempo, e suponho que ainda agora, as famílias

eram conhecidas por alcunhas, e a alcunha da família do meu pai era Saramago, ‘os Saramagos’. Quando se fez a declaração do meu nascimento, na Conservatória do Registo Civil da Golegã, o funcionário perguntou ao meu pai: ‘– Então como é que se vai chamar o rapaz?’. E o meu pai disse-lhe: ‘– Como o pai dele’. Mas o funcionário resolveu escrever, por sua conta e risco: José de Sousa Saramago.

Até os 7 anos, esse mistério não se desvendou. Mas quando foi preciso apresentar uma certidão de nascimento na escola... Ó, céus: havia ali uma ilegalidade! Como é que um homem chamado José de Sousa e uma mulher que se chamava Maria da Piedade tinham um filho que se chamava José de Sousa Saramago? Onde é que tinha vindo aquele Saramago? – perguntava a lei. E meu pai não teve outro remédio senão fazer um novo registo do seu próprio nome, em que passou a ser, também, José de Sousa Saramago. Porque não tinha sentido que um Saramago fosse filho de um de Sousa – um Saramago tinha que ser filho de um Saramago. De maneira que, às vezes, digo que suponho que foi o primeiro caso em que o filho deu o nome ao pai. Como bilhete de identidade, aí o tem bastante completo”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição com base no acervo de Miguel Gonçalves Mendes para o filme *José e Pilar*).

“Tentei não fazer nada na vida que pudesse envergonhar o menino que fui”.



AZINHAGA

Saramago nasceu em 16 de novembro de 1922, em uma família de camponeses sem terra, em Azinhaga, pequeno povoado situado na província do Ribatejo, a cerca de cem quilômetros a nordeste de Lisboa. Mudou-se para a capital com dois anos, mas, até a maioridade, foram muitos e prolongados os períodos em que viveu na aldeia com os avós maternos.

“Chamavam-se Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha esses avós, e eram analfabetos um e outro. No inverno, quando o frio da noite apertava ao ponto de a água dos cântaros gelar dentro da casa, iam buscar às pocilgas os bácoros (*porcos*) mais débeis e levavam-nos para a sua cama. Debaixo das mantas grosseiras, o calor dos humanos livrava os animaizinhos do enregelamento e salvava-os de uma morte certa. Ainda que fossem gente de bom carácter, não era por primores de alma compassiva que os dois velhos assim procediam: o que os preocupava, sem sentimentalismos nem retóricas, era proteger o seu ganha-pão, com a naturalidade de quem, para manter a vida, não aprendeu a pensar mais do que o indispensável”.

(Discurso proferido pelo autor ao receber o Prêmio Nobel, 1998).

“Um dia escrevi que tudo é autobiografia, que a vida de cada um de nós, a estamos contando em tudo que fazemos e dizemos – nos gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos. Queria eu dizer, então, que vivendo rodeado de sinais, nós próprios somos um sistema de sinais. Seja como for, que os leitores se tranquilizem: este Narciso que hoje se contempla na água, desfará amanhã com sua própria mão, a imagem que contempla.

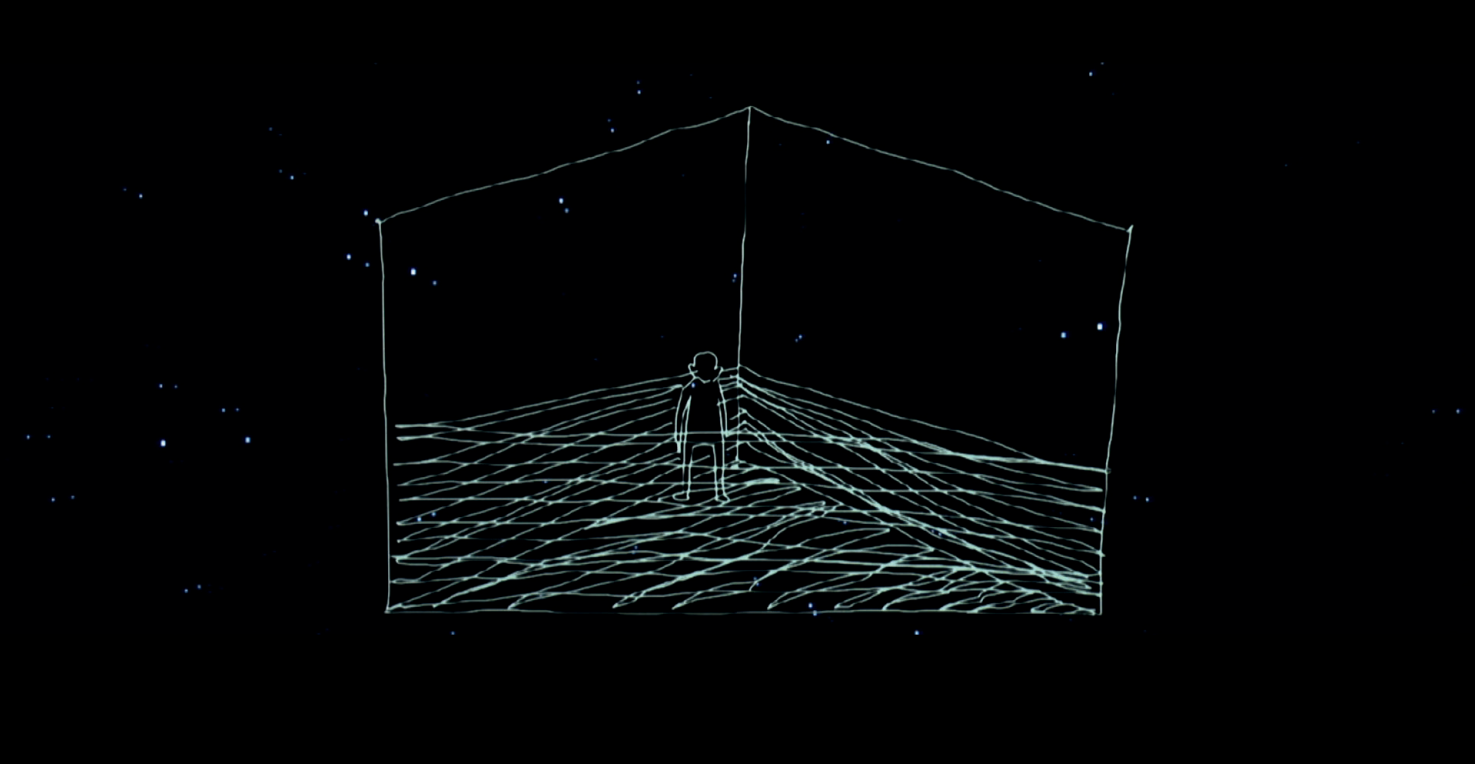
A memória também é uma estátua de argila: o vento passa e leva-lhe, a pouco e pouco, partículas, grãos, cristais. A chuva amolece as feições, faz-lhe cair os membros, reduz o pescoço. Em cada minuto o que era deixou de ser, e da estátua não restaria mais

do que um vulto informe, uma pasta primária. Se também em cada minuto não fôssemos restaurando de memória a memória.

O meu avô materno, quando o levaram para Lisboa, já muito doente, ele – que vivia em uma casa da aldeia muito pobre, tinha no quintal umas quantas árvores, umas duas oliveiras, uma pereira, umas coisas assim –, então, ele, um pastor rude, analfabeto, de quem parece que não se pode esperar grandes demonstrações de sensibilidade, foi-se despedir das árvores, de cada uma, abraçando-se a elas e a chorar, porque intuía que ia ir dali para não voltar”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“Somos muito mais da terra onde nascemos [e onde fomos criados] do que imaginamos”.



SONHO

No final de 2007, José Saramago esteve internado em Lanzarote por causa de uma pneumonia que quase lhe tirou a vida. Durante esse período de internação, concedeu o depoimento sobre um sonho a Miguel Gonçalves Mendes. Recuperado da doença, o escritor regressou à casa e terminou *A Viagem do Elefante*, livro que havia começado a escrever e que tem a seguinte epígrafe: “A Pilar, que não deixou que eu morresse”.

“Quando eu era garoto, tinha um pesadelo recorrente, que era do mais angustiante, porque era invariavelmente este: eu encontrava-me, digamos, num espaço fechado, sem portas, nem janelas, num espaço triangular. E eu estava num dos vértices desse triângulo, num canto. E do outro lado, à distância, havia qualquer coisa no chão, que nunca soube o que era, e essa qualquer coisa – que podia parecer um pouco de água no chão, ou uma pedra... mas que, ao mesmo tempo, era tudo isto, mas não era nada disto – começava a crescer, e havia uma música, que também nunca consegui fixar. E aquilo ia crescendo, crescendo, crescendo, e eu não podia escapar. Crescia, crescia, ia se aproximando, aproximando, até que, já quase sufocado, enfim, acordava.

O sonho é uma espécie de realidade virtual. O homem das cavernas já sabia o que era a realidade virtual, porque sonhava. A verdade é que nós dormimos, mas o cérebro não dorme, não dorme.

Aliás, nada dorme! O coração tampouco dorme. E claro, que vêm as enfermidades, vêm as doenças e tal, enfim... Algumas vezes se resolvem, outras... até a última. A última nunca se resolve.

Enfim... um corpo com boa saúde, com relativa boa saúde, funciona como o motor de um carro que, atualmente, praticamente não se ouve. E que através disto, daquilo e daquele outro, aquilo anda a uma velocidade extraordinária, até que, um dia, para: algo se rompeu, algo se quebrou, algo se avariou. Os materiais avariam-se – é o chamado cansaço dos materiais. Quando não é outro tipo, enfim, de avaria. E nós somos uma máquina, que funciona bem durante um tempo, depois começa a funcionar menos bem. E chega sempre o dia em que deixa de funcionar... Imagina, imagina se não fosse assim?”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“Acho que damos pouca atenção àquilo que efectivamente decide tudo na nossa vida, ao órgão que levamos dentro da cabeça: o cérebro”.



LÍNGUA

A pontuação não é apenas a construção de um estilo, ela é a métrica da expressão verbal. Na obra de Saramago, além de a pontuação subverter a norma clássica, permite um fluxo do pensamento cotidiano, único na literatura.

“A estrutura narrativa dos meus livros procura aproximar a disciplina da escrita à espontaneidade da fala, da oralidade. Disso resulta um discurso fluente, torrencial, um rio, longo, onde a corrente arrasta tudo o que encontra (...). Escrevo como se fala. E direciono-me mais para a natureza do que para a sofisticação. Vim do povo e sei como ele sente e pensa. São histórias que se contam e se ouvem que coloco em meus romances”.
(Entrevista concedida ao *Segundo Caderno*, de Porto Alegre, em 1989).

“Nós falamos e usamos os substantivos, os verbos, os adjetivos, as conjunções; usamo-los como se isso tivesse existido sempre. A linguagem passa com certeza, passou com certeza, digamos, de um estado rudimentar, e pouco a pouco veio se tornando mais complexa, veio sendo capaz de exprimir sentimentos, emoções. O que significa que quantas mais palavras conhecemos, mais somos capazes de dizer o que pensamos e o que sentimos. No século XVII, o Padre Antônio Vieira – que viveu no Brasil, que defendeu os índios, foi diplomata, foi orador –, dizia ele o seguinte: “São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de terem de durar pouco, do que terem durado muito”.¹ Devemos nós falar de uma maneira tão complicada na nossa comunicação cotidiana? Provavelmente não, claro. Mas talvez, nessa época, o modo, e é certo, o modo de comunicar-se era muito mais rico de expressão do que é hoje. E cada vez temos menos palavras, cada vez usamos menos palavras. Quer dizer, no tempo em que nós vivíamos nas cavernas e não conhecíamos nem os verbos nem os substantivos,

mas fazíamos 'oinc, oinc, oinc!', e com isso nos entendíamos, suponho eu que nos entendíamos, e sim, acabavam por se entender evidentemente. E foi com esses sons iniciais primitivos, que se foi construindo a linguagem. Os idiomas, as línguas, tudo isso foi construído assim. Parece que estamos num processo de involução, em que estamos a voltar às cavernas, que aliás temos, se calhar qualquer dia, para dizer a uma mulher que se gosta dela, somos capazes de dizer 'ounoun!', qualquer coisa assim, e ela ficará muito contente, porque lhe disseram, dessa forma um pouco estranha, que é amada”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

1. VIEIRA, Padre Antonio (1643). Sermão do mandato In: *Essencial – Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Penguin & Cia das Letras, 2011. O trecho do texto citado por Saramago é o seguinte: “São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco que terem durado muito”.

“Escrever é traduzir. Sempre o será. Mesmo quando estivermos a utilizar a nossa própria língua. Transportamos o que vemos e o que sentimos para um código convencional de signos: a escrita”.



VISÃO

Em 1990, durante uma viagem a Roma, Saramago sofreu um descolamento de retina e percebeu que a cegueira era possível. Um tempo depois, almoçando sozinho em um restaurante, perguntou-se: “E se fôssemos todos cegos?”. Chegou à conclusão de que, de certo modo, já estamos cegos, e começou a pensar no livro que seria *Ensaio sobre a Cegueira*, obra que ele próprio considera como o caminho da estátua à pedra.

“A partir de *Ensaio sobre a Cegueira*, foi como se eu tentasse deixar a superfície da pedra e passar para o interior dela, e provavelmente perder-me no seu interior... O que me preocupa neste momento é saber: que diabo de gente somos nós? Seremos nós como os prisioneiros da caverna de Platão, que acreditavam que as sombras que se moviam na parede eram a realidade? Estaremos vivendo em um mundo de ilusões? Que temos feito do nosso sentido crítico, da nossa exigência ética, da nossa dignidade de seres pensantes?”

(Fragmento de “A Estátua e a Pedra”, ensaio de José Saramago publicado pela Fundação José Saramago, em 2013).

“Nós não temos, por exemplo, os olhos como os tem a águia ou o falcão. Nós vivemos dentro de uma possibilidade de ver que é nossa, supondo que os nossos olhos são olhos sãos, normais, que não veem nem de menos e nem de mais. E para tornar isso claro, se o Romeu da história tivesse os olhos de um falcão, provavelmente não se apaixonaria pela Julieta. Porque os olhos dele veriam uma pele que provavelmente não seria agradável de ver, porque a acuidade visual do falcão, cujos olhos o Romeu teria, não mostraria a pele humana tal como nós a vemos.

Mas nós estamos realmente todos cegos. Hoje é que nós estamos a viver, de fato, na caverna de Platão. Porque as próprias imagens que nos mostram a realidade, de alguma maneira, substituem a realidade. Nós estamos, efetivamente, a repetir a situação das pessoas aprisionadas ou atadas na caverna de Platão, olhando em frente, vendo sombras, e acreditando que essas sombras são a realidade. Foi preciso passarem todos esses séculos para que a caverna do Platão aparecesse finalmente no momento da história da humanidade – que é hoje”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“Escrever, para mim, é um acto grave, uma responsabilidade”.



DECISÃO

José Saramago exerceu diversos trabalhos ao longo de sua vida: foi serralheiro mecânico, auxiliar de serviços administrativos em um hospital de Lisboa, encarregado da contabilidade de uma Caixa de Previdência, tradutor e editor. Desde que ganhou seu primeiro livro, aos 11 anos, se tornou um leitor assíduo, frequentando a Biblioteca Palácio Galveias, em Lisboa, e se aventurando na escrita de poemas e crônicas. Embora tivesse escrito um romance aos 25 anos, *Terra do Pecado*, e terminado outro antes dos 30 – *Claraboia*, que só foi publicado após a sua morte –, José Saramago só se assume como escritor depois de meio século de vida. Em 1975, depois de perder o emprego, toma finalmente sua grande decisão.

“A minha vida é um pouco chata, é uma vida sem grandes aventuras – nem grandes, nem pequenas. Não pertença àquela categoria de pessoas, ou também de escritores, que tiveram uma vida agitada, que lhes aconteceram uma quantidade de coisas, no caso concreto de escritores e artistas que viveram na boemia, e que, portanto, têm muita coisa para contar sobre as bebedeiras e sobre aquilo que fizeram.

Eu não tive uma vida assim; a minha vida não tem qualquer espécie de interesse – não tem, não tem. Eu chego aos 60 anos com alguns livros escritos, mas sem uma obra. Em 1975, em novembro, eu perco o meu trabalho no Diário de Notícias. Encontrei-me na rua; então, é aí que eu tomo a grande decisão da minha vida: não tinha trabalho, ninguém me ofereceu e eu não procurei. E fui perguntar a mim mesmo se realmente tinha alguma coisa a dizer que valesse a pena para sentar-me a escrever.

Esse foi o grande momento da minha vida, em que, numa situação bastante complicada, bastante difícil, eu tomo uma decisão arriscada, efetivamente. Vou para o Alentejo, me instalo lá, e desse tempo sai o romance que se chama Levantado do Chão. O romance saiu em 1980, foi bem recebido. É um romance muito sério, e mais do que isso. Em 1982, sai O Memorial do Convento, e em 1984, O Ano da Morte de Ricardo Reis – e assim sucessivamente, até os dias de hoje. Se há um momento na minha vida que é um momento-chave, é o que é o momento de decisão. Não perguntar a ninguém: ‘E agora o que é que eu faço?’, que foi coisa que eu nunca perguntei a ninguém: ‘E agora o que é que eu faço? Dê-me um conselho’. Nunca pedi conselhos a ninguém. Também não os dou. A não ser que me os peçam, e, ainda assim, com muitas reservas. E digo, pois é agora ou nunca que vou saber finalmente se sou escritor ou se não sou escritor. E tinha 60 anos, meu caro. Todo o resto, todo o resto é banal”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“O meu caminho foi sempre mais ou menos em linha reta, ou pelo menos sem perder o sentido da linha reta a que me havia obrigado por razões de ordem ética, de ordem política, de ordem ideológica”.



ENCONTRO

José: “Um dia de junho de 1986 (...) telefona para a minha casa em Lisboa, onde eu então vivia, uma senhora que dizia chamar-se Pilar del Río, de profissão jornalista, leitora minha e que queria, uma vez que viajaria a Lisboa, gostaria, se eu tivesse tempo, de conhecer-me. E eu disse que sim senhor (...). Foi para mim uma surpresa muito agradável. Tratava-se de uma mulher muito bonita, como continua a sê-lo. E, claro, falámos um pouco de livros, apresentou-se, e eu apresentei-me, e então propus dar com ela uma volta pela cidade (...). No fim trocámos as moradas, os telefones, tudo isso, e ficámos assim. Gostei de tê-la conhecido e tive o pressentimento de que aquilo iria levar a algo mais completo, mais sério. Sei que ela teve a mesma sensação: eu havia encontrado aquela mulher e ela havia encontrado este homem”. (Em *José e Pilar*, conversas inéditas de Miguel Gonçalves Mendes, 2011).

Pilar: “Nunca, jamais na vida, me ocorreria pensar que é minha alma gêmea. Tinha uma alma da qual eu gostava, simplesmente. Era uma pessoa de quem gostava, e achei, à medida que ia conhecendo o ser humano, que era a pessoa que estava nos livros, e que havia uma verdade, uma autenticidade humana nos livros, e essa autenticidade também a encontrei no ser humano. Porque há escritores que se esvaziam tanto nos livros, que depois são uns fantoches. No caso de Saramago, não. O ser humano corresponde à obra, a obra corresponde ao ser humano. E, bem, isso ia me maravilhando, embora mais me surpreendesse que ele gostasse de mim... Mas, bem, essa é responsabilidade dele e não posso falar por ele. Eu gostava dele, mas, pois é, a surpresa, e ele ainda terá de explicar, é por que ele gostava de mim...”. (Em *José e Pilar*, conversas inéditas de Miguel Gonçalves Mendes, 2011).

LADO A

“**José:** Amar. Ter amor. Afeição. Devoção.
Pilar: Viver.
José: Querer bem.
Pilar: Ter vida.
José: Estimar.
Pilar: Durar com vida.
José: Morrer. Deixar de viver. Gostar. Desejar muito. Não chegar a concluir-se.

7 de março. As festas, em geral, põem-me melancólico. Mas no regresso, dei por mim a dizer a Pilar: ‘Se eu tivesse morrido aos 63 anos, antes de te conhecer, morreria muito mais velho do que serei quando chegar a minha hora’.

Pilar: Eu, quando conheci ao homem com quem iria me casar, soube que isso ia ser para sempre, por minha parte. E para muita gente, suponho que mesmo depois de 20 anos de casada, continuarei sendo uma juvenzinha, sem escrúpulos, que foi atrás de um homem mais velho. Para muitas outras pessoas, eu sou simplesmente a Pilar”.

*

“**José:** Parece que o que os chateia é que o velho ditado: ‘De Espanha nem bom vento, nem bom casamento’, mas neste caso não funcionou. Pilar.

ENTREVISTADORA: Quem é Pilar, o que significa Pilar para ti?
José: Veja, acho que esta resposta está no conjunto de dedicatórias de meus livros à dita Pilar del Río. Já a chamei de ‘meu pilar’, no sentido físico de algo em que alguém pode se apoiar; já a chamei de ‘minha casa’, e efetivamente ela o é. E, no último livro, quando já não podia... quer dizer, tinha que criar nessa dedicatória algo distinto. Então a dedicatória é: ‘A Pilar, que ainda não havia nascido’, porque o problema está aqui: que durante uma quantidade de anos eu vivi e ela ainda não estava aqui. Que fazia ela? Por que não apareceu? E então a dedicatória termina: ‘A Pilar,

*“Com 63 anos, quando já não se espera nada, encontrei o que faltava para passar a ter tudo”.
[A Pilar del Río]*

que ainda não havia nascido, e tanto demorou a chegar’. Mas bem, chegou! E não posso imaginar outra vida.
ENTREVISTADORA: Parece-me tão bonito que vamos terminar com isto a entrevista. José, muito obrigada, um beijo de todos, obrigada, obrigada”.

LADO B

“**José:** A dedicatória deste livro, que era outra, substituí-a hoje: ‘A Pilar que não deixou que eu morresse’. E foi, e foi. ‘A Pilar até o último instante’. Intermitências da Morte: ‘A Pilar, minha casa’. Ensaio sobre a Lucidez: ‘A Pilar, os dias todos’. Cadernos de Lanzarote: ‘A Pilar’. Don Giovanni: ‘A Pilar, meu pilar’. Ensaio sobre a Cegueira: ‘A Pilar’. O Evangelho Segundo Jesus Cristo: ‘A Pilar’. As Pequenas Memórias: ‘A Pilar, que ainda não havia nascido e tanto tardou a chegar’.

Pilar: Desculpe, mas eu não vou subir uma montanha a pé quando há elevadores.
José: A Pilar estava desesperada. Eu não disse onde é que ia. A ideia com que eu saí de casa não era subir a Montanha Branca. Cheguei ali e disse: ‘E se eu subisse um bocado isso?’. Então subi um bocado... Depois disse: ‘E se eu subisse mais um bocado?’. Subi mais um bocado. ‘E se eu fosse até lá em cima?’. E fui, e fui... Tinha 70 anos, pá!
Pilar: Eu não disse nada quando voltaste.

José: Não. Disseste. Disseste e não foi pouco.
Pilar: Durante vários dias não te disse nada.
José: Estava, quer dizer, estava...
Pilar: Estive a ponto de fazer a mala e ir-me.
José: Estava zangada... Mas enfim, isso é uma coisa, uma coisa que eu posso contar às visitas, não é? Como se eu tivesse subido ao Everest. O meu Everest é aquilo, é este.
Pilar: De toda forma, quando da próxima vez sintas necessidade de uma aventura, te sugiro que bordes, que te ponhas a bordar uma toalha. Ouve, olha é mais produtivo, muito meticoloso, requer muito esforço, muita concentração, muito talento, e, além disso, fica”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“Graças à sua inteligência, à sua capacidade criativa, à sua sensibilidade, e também à sua tenacidade, a vida deste escritor pôde ter sido, mais do que a de um autor de razoável êxito, a de uma contínua ascensão humana”.



LANZAROTE

“Lanzarote não é minha terra, mas é terra minha”.

Em fevereiro de 1993, José Saramago e Pilar del Río mudam-se para Lanzarote. O sobrado, construído para o casal, recebe o nome de “A Casa”. Em Lanzarote, ele pôde ver o mundo de uma perspectiva deslocada e encontrar o acolhimento e a simplicidade da infância.

“O futuro imediato e não só – a seguir ao imediato – é Lanzarote, onde eu sou muito querido. Eu podia estar a viver num lugar que fosse indiferente, em vários pontos da terra, por algum motivo, a viver temporariamente. Neste caso não é assim. Nós [*Saramago e a mulher, Pilar del Río*] fizemos uma casa, a casa está ali, temos um jardim, temos árvores, temos uma vida feliz, uma vida tranquila, não podemos desejar nada melhor. Os amigos que vão a Lanzarote ficam encantados. Não é uma ilha para todos os gostos, há pessoas que chegam e não gostam, acham que a ilha é insuportável, que é árida, seca, que são só pedras, montanhas, vulcões, campos de lava... Quem vai à espera de árvores, de passarinhos a cantar e de regatinhos circulando por entre a erva, não encontra. Tem é uma beleza de outra natureza, uma beleza áspera, dura... aqueles basaltos, aqueles barrancos... Às vezes tenho pensado que se eu tivesse procurado uma paisagem que correspondesse a uma necessidade interior minha, creio que essa paisagem é Lanzarote”.
(Entrevista concedida ao *Jornal Público*, 1998).

“A noite em Lanzarote é cálida e tranquila.

Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe: dá-me um barco. E tu para que queres um barco, pode-se saber? Para ir à procura da ilha desconhecida.

4 de maio, em Paris.

Pensei em Lanzarote, onde a gente é escassa, onde os livros só há pouco deixaram de ser raridade, onde as manifestações culturais importantes se contam ao ano pelos dedos. Pergunto-me como

é possível viver lá sem sentir falta destas maravilhas, e penso que está bem assim. De todo modo, nunca poderia ler tudo, ver tudo, que um dos meus pequenos vulcões levou mais tempo a fazer-se que o Arco do Triunfo. E que o Vale do Guinate não fica a dever nada aos Campos Elíseos. Será Lanzarote, nessa altura da vida, a Azinhaga recuperada? As minhas deambulações inquietas pelos caminhos da ilha, com o seu quê de obsessivo, não serão repetições daquela ansiosa procura de quê? Provavelmente é isto a velhice”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“Talvez o fato de viver em Lanzarote tenha influenciado o estilo da minha escrita, que se tornou mais austero, disciplinado e, por isso, talvez mais profundo”.



DESLOCAMENTOS

A vida de Saramago conciliava a rotina de quem se entregou a um ofício e a agenda de uma celebridade. Enquanto suas obras refletem a preocupação com as injustiças e os desequilíbrios do mundo, sua atuação política se aproveitava da visibilidade como oportunidade para fazer do mundo um lugar melhor.

“Eu nunca separo o escritor do cidadão. E isto não significa que queira converter a minha obra num panfleto. Significa que não escrevo para o ano 2047, mas sim para hoje, para as pessoas que estão vivas. O meu compromisso é com o meu tempo”.
(Entrevista ao *Faro de Vigo*, novembro de 1994).

“Não assumirei o Prémio Nobel como uma ‘miss’ de beleza que tem que ser exibida em toda a parte... Não aspiro a esses tronos, nem poderia, claro... Mas se o que tenho vindo a fazer até agora tem tido alguma utilidade para alguém, como voz, como crítica, como análise das circunstâncias, dos factos, da vida política, da vida social, da situação em que o mundo está, então assim continuará a ser”.
(Entrevista ao *Jornal Público*, Portugal, 1998).

“**PILAR:** Janeiro, 9, Sevilha; 12, Madrid; 14, 15, Lanzarote... Lisboa, fevereiro, 1, Granada com Zapatero; 9, gravação para programa alemão.
JOSÉ: E no dia 27 partimos para Manchester, Edimburgo, Liverpool e Londres. Começa a parecer-me absurda essa maneira de viver”.

*

“**APRESENTADOR:** José Saramago é autor de uma obra vasta e intensa. E é o primeiro escritor Nobel em língua portuguesa, uma das línguas mais faladas do mundo.
ENTREVISTADOR: Está tranquilo, está bem?
JOSÉ: Eu? Sim, sim, estou bem.
ENTREVISTADOR: Depois de três horas de entrevista, digo pelo seu coração, não por outra coisa.
JOSÉ: 31 de março. Entre as nove e meia da manhã e a uma hora da tarde, quatro entrevistas. Não sei que diabo de interesse possam ter ainda em declarações tantas vezes repetidas.
FÃ: Pode tirar uma fotografia comigo?
JOSÉ: Venha à foto.

JOSÉ: 9 de novembro. A recepção durou 3 horas. Cansei-me de sorrir, do esforço de parecer inteligente.

16 de novembro. Viagem para Roma. Pela terceira vez, faço anos no ar.

JOSÉ: Ah! E por que, por que você trabalha tanto? Não é porque uma pessoa vá salvar o mundo com aquilo que escreve. Também não se sabe se vai salvar-se a si mesma. Simplesmente tem que fazer aquilo que tem que fazer.
ENTREVISTADORA: E a última, por favor, qual é a tarefa de um escritor?
JOSÉ: Escrever. Mas como o escritor é também um cidadão, intervir na sociedade como cidadão que é.
JOSÉ: 14 de junho. Regresso à Lanzarote. Faz anos que conheci Pilar. Entro em casa com alegria.
ENTREVISTADORA: Diz-me quando, está gravando? 4, 3, 2, 1”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“Nos últimos anos da minha vida gostaria de reunir todos os meus leitores e dialogar com eles”.



NATAL NO MÉXICO

José Saramago filiou-se ao Partido Comunista Português (PCP) em 1969, embora já colaborasse com ele anos antes. Durante a ditadura militar de Salazar (1926-1974), o PCP esteve na ilegalidade. Entre os anos de 1970 e 1980, foi militante ativo. Manteve sempre uma posição própria dentro do Partido Comunista, atuando de maneira respeitosa e discreta, mas defendendo a independência de pensamento.

“Sou um comunista libertário, alguém que defende a liberdade de não aceitar tudo o que vier, mas que assume o compromisso juntamente com três perguntas que devem ser nossos guias de vida: Por quê? Para quê? Para quem? São essas as três perguntas básicas e, efetivamente, uma pessoa pode aceitar um conjunto de regras e acatá-las disciplinadamente, mas tem que manter a liberdade de perguntar: Por quê? Para quê? Para quem?”.
(Entrevista em Montevidéu, 2003).

“Introduziu-se nas nossas mentes essa ideia nova de que, se não consumirmos, não somos nada. Se não consumirmos, não somos ninguém. E somos na medida em que formos capazes de consumir. A partir do momento em que o ser humano se vê a si mesmo como um consumidor, todas as suas capacidades diminuem, porque todas vão ser postas ao serviço de uma maior possibilidade de consumir”.
(Entrevista em Havana, 2007).

“ENTREVISTADORA: José, *querem pedir-te uma pequena saudação para o programa. Como vão passar no Natal, se pode saudar o México, em geral.*

ASSISTENTE: *Mas com esse cubo, para que se veja.*

JOSÉ: *O que digo Pilar?*

PILAR: *Que todos os anos deviam ser Natal.*

JOSÉ: *Mas eu odeio o Natal, como é que eu posso dizer isso?*

PILAR: *Diz, que todos os dias deviam ser Natal...*

CÂMERA: *4, 3, 2, 1, quando quiser.*

JOSÉ: *Eu creio que a tradição nos impôs ou nos levou a pensar que há dias para sermos bons. O que significaria que, em todos os demais dias, poderíamos ser maus e não haveria problema. Então, pensemos nos demais dias e deixemos o Natal em paz.*

Não tive brinquedos quando era pequeno, e estou muito contente por isso, porque tive que construí-los. E agora tenho uma pena

dos meninos que entram em seus quartos e têm ursos de pelúcia até o teto. E têm coalas, e têm isso e têm aquilo, e os pobres vivem numa angústia porque não sabem o que fazer com tudo aquilo. E os pais com essa ideia de que os meninos têm que estar contentes, vão afofando-os em coisas materiais que no dia seguinte já ninguém pensa nelas. Mas como a mim me pediram uma saudação, pois sim, aqui vai uma saudação. Uma saudação que cada um entenderá como quiser. Dirá que ‘este senhor está louco porque está a falar desta forma sobre o Natal’, mas eu vos asseguro que louco não estou; louco é quem inventou, quem decidiu que o Natal devia ser o que é. Isso sim que é pura loucura! E por fim, saudações. E viva o México!

ENTREVISTADORA: *Muito obrigada!*

PILAR: *Como saudação, está muito bom!”.*

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“A palavra mais necessária nos tempos em que vivemos é a palavra ‘não’”.



A VIAGEM DO ELEFANTE

Saramago dizia que somos responsáveis pela forma como estamos no mundo. Tinha um autocontrole capaz de produzir apenas o necessário, apenas o que poderia ser absorvido, mesmo sabendo que seu tempo era curto. Era como a terra que se tem que lavrar: há de se preparar a terra, plantar, regar, cada etapa tem sua hora. Não é possível fazer o processo inteiro de uma vez. Escrever duas páginas por dia é a sua maneira de se posicionar em relação a isso. Para ele, escrever era um trabalho como outro qualquer, não um trabalho que depende de uma inspiração divina, mas que se faz diariamente, até que o livro esteja pronto.

“O que me interessou na história deste elefante foi o fim que teve, quando depois de morrer lhe cortaram as patas para servir de bengaleiro à entrada do palácio e lá porem as bengalas, os chapéus, as sombrinhas. Costumo dizer: ‘Não leiam os meus livros, leiam as minhas epígrafes’. A deste livro é assim: ‘Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam’. Obviamente tem que ver com a morte, mas também com o que acontece depois. E esse aproveitamento caricato das patas dianteiras do elefante impressionou-me. Se não houvesse esse final, talvez não tivesse escrito o livro”.
(Entrevista ao *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 2008).

“**JosÉ:** O livro se chamará A Viagem do Elefante. Não é a viagem das pessoas que acompanham o elefante, que o levam, é o elefante. Mas o que é que faz o elefante ao longo de todo esse tempo? Andar, andar, andar, caminhar, caminhar, caminhar, não faz mais nada. Há dados que me faltam, que são coisas que parecem tontas, não é? O elefante é como um cavalo, dorme em pé?
INTERLOCUTOR: Não faço ideia. Eu nunca tive um elefante.
JosÉ: Pois o problema está aí, pois são pequenas coisas que são fundamentais”.

*

“**JosÉ:** 2 de maio. Começo eu a escrever a história do elefante. Dando tempo ao tempo, todas as coisas do universo acabarão por se encaixar umas nas outras.
Aí está o elefante. Salomão não tem nenhuma ideia do que o espera.

O homem já vai atravessando a bruma, outra vez Salomão, por favor, outra vez, e Salomão fez-lhe a vontade. Foi como se o elefante tivesse pensado: ‘Aquele pobre diabo vai morrer, vou ressuscitá-lo’.

E aí temos o pobre diabo desvanecendo-se em agradecimentos e em juras de gratidão para toda a vida. Eu estava perdido no nevoeiro, e foi a sua voz que me salvou.

O certo é que o sol, como uma imensa vassoura luminosa, rompeu de repente o nevoeiro e empurrou-o para longe. Fez ‘plof!’ e sumiu-se.

Há onomatopeias providenciais. Imagine-se que tínhamos de descrever o processo de sumição do sujeito, seriam precisas, pelo menos, dez páginas”.

*

“**JosÉ:** Tu tens até a página 100. Eu posso dar-te hoje ou amanhã mais 10. E como eu te disse, essa semana que entra, o terminarei”.

*

“**JosÉ:** No momento que uma menina se desprende da mãe e corre até o elefante, então o que o elefante faz, e isto é histórico, agarra a menina com a tromba, e leva-a à mãe.

*

“**PILAR:** Logo, quando ele acaba, para eu acabar no mesmo dia, então me lanço com pressa, para que se ele acaba um livro às quatro da tarde, eu acabo às oito, e possam ter a mesma data”.

*

“**JosÉ:** Não há muita coisa, quer dizer, o que se passa é que nós temos a mania de romantizar tudo, e começamos logo a imaginar umas teorias filosóficas. O elefante caga, pois caga evidentemente; o elefante mija, pois mija, come, não fala, não pensa. E não vou pô-lo a pensar em termos humanos, evidentemente”.

*

“**JosÉ:** Dom João III murmurou: ‘Diz aqui o primo Maximiliano que Salomão, a rainha não o deixou acabar’. E correu a encerrar-se na sua câmara, onde chorou todo o resto do dia”.

*

“**PILAR:** Queridas amigas, queridos amigos, José Saramago terminou seu novo livro A Viagem do Elefante. Saramago começou esta tarefa quando estava incubando uma doença, que fez com que os mais próximos temêssemos por sua vida. Ele mesmo, no hospital, chegou a duvidar que pudesse terminar o livro. Contudo, sete meses depois, colocou um ponto final a uma narração. O elefante não teve tanta sorte, mas disso falarei mais tarde. Um abraço a todos e felicidades. Pilar”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“Utilizo o romance como veículo para a reflexão. Reflexão sobre o quê? Sobre a vida, sobre isto”.



DEUS

Saramago não vê sentido na necessidade de o homem atual precisar da existência de Deus para explicar a própria existência. Em um dos seus inúmeros deslocamentos, temos a chance de ouvir suas confissões.

“De algo sempre haveremos de morrer, mas já se perdeu a conta aos seres humanos mortos das piores maneiras que seres humanos foram capazes de inventar. Uma delas, a mais criminosa, a mais absurda, a que mais ofende a simples razão, é aquela que, desde o princípio dos tempos e das civilizações, tem mandado matar em nome de Deus. Já foi dito que as religiões, todas elas, sem exceção, nunca serviram para aproximar e congraçar os homens, que, pelo contrário, foram e continuam a ser causa de sofrimentos inenarráveis, de morticínios, de monstruosas violências físicas e espirituais que constituem um dos mais tenebrosos capítulos da miserável história humana. Ao menos em sinal de respeito pela vida, devíamos ter a coragem de proclamar em todas as circunstâncias esta verdade evidente e demonstrável, mas a maioria dos crentes de qualquer religião não só fingem ignorá-lo, como se levantam iracundos e intolerantes contra aqueles para quem Deus não é mais que um nome, o nome que, por medo de morrer, lhe pusemos um dia e que viria a travar-nos o passo para uma humanização real”.
(Em “O fator Deus”, artigo de José Saramago para a *Folha de São Paulo*, 2001).

“**JosÉ:** *Jesus morre... morre.*
PILAR: *Jesus morre... morre. Quando de repente o céu se abre, de par em par, por cima de sua cabeça e Deus aparece e a sua voz ressoa por toda a Terra dizendo: ‘Tu és meu filho muito amado, em ti ponho toda a minha complacência’.*
JosÉ: *Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício.*
PILAR: *Que sua vida foi traçada desde o princípio dos princípios para morrer assim.*
JosÉ: *Desde o princípio dos princípios...*
PILAR: *E exclamou a céu aberto, onde Deus sorria...*
JosÉ: *Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que faz”.*

*

“**JosÉ:** *É uma trapaça, uma trapaça completa. Eu fui uma ou duas vezes à missa quando eu tinha uns 6 anos, mas eu não, enfim, aquilo não me convenceu nada. E fui eu quem disse à minha mãe: ‘Não, não, eu não vou a isso’ e não fui, e nunca mais. Não tive nenhuma crise religiosa, não tenho medo da morte, não tenho medo do inferno. Não tenho medo, digamos, do castigo eterno, pelos pecados que... Que pecados? O que é isso de pecado? Quem é que inventou o pecado? A partir do momento em que se inventa*

o pecado, o inventor passa a dispor de um instrumento de domínio sobre o outro, tremendo. E foi o que a Igreja fez. E já não faz tanto, porque, coitados, já não têm nem metade do poder que tinham. É mais uma farsa, uma farsa trágica.
Deus, onde está?
Antigamente, dizia-se: ‘Está no céu’. Mas o céu não existe! Não há céu. Céu, o que é isso? Há o espaço, há 13 mil, milhões de anos-luz. Imaginem, os limites do universo encontram-se há 13 mil e 700 milhões de anos-luz. Anos-luz!
Onde está Deus?
Quem quiser crer, crê e acabou-se! Eu digo a alto e bom som, que não, para mim não. E repara que, com 83 anos, já seria uma boa altura de começar a pensar no futuro, não é?
Quer dizer, uma pessoa durante a vida pode fazer aí umas quantas tonterias, dizer umas quantas barbaridades a respeito do senhor Deus, mas quando chega aos 83, deveria começar a ter um bocadinho de cuidado com o que diz. Mas isso não muda nada a realidade. A realidade continua a ser igual à de sempre. Nascer, viver e morrer. E acabou. Mais nada. Eu espero morrer lúcido e de olhos abertos. Pelo menos gostaria que fosse assim”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“*Seria mais cômodo acreditar em Deus, mas escolhi o lugar da incomodidade”.*



O TEMPO

“Estar sentado frente ao mar. Pensar que já não restam muitos anos de vida. Compreender que a felicidade é apenas uma questão pessoal, que o mundo, esse, não será feliz nunca. Recordar o que se fez e achá-lo tão pouco. Dizer: ‘Se eu tivesse mais tempo...’ – e encolher os ombros com ironia porque são palavras insensatas. Olhar a pedra vulcânica que está no meio do jardim, bruta, áspera e negra, e pensar que é um bom sítio para não pensar em mais nada. Debaixo dela, claro”.

(Em *Cadernos de Lanzarote*, de José Saramago, 1994).

“**José:** Eu creio que possa dizer que não tenho nada de que me arrependa. Porque, se quiser ser franco, eu não posso imaginar uma melhor vida do que a minha. Com tudo aquilo que aconteceu, altos e baixos, ao ponto de, se me dissessem ‘você quereria repetir a sua vida?’, eu diria que sim. Mas toda ela? Toda ela”.

*

“**José:** O livro foi escrito num estado de pura felicidade. Talvez essa felicidade resultasse efetivamente de eu ter escapado. Enfim, estou aqui, um pouco também como sobrevivente.

Por quanto tempo mais? Não sabemos, nunca sabemos. Em todo o caso, noutra dia, numa entrevista dada em Lisboa, creio que foi em Lisboa. Perguntaram-me: ‘E agora que você tem tudo, prêmio Nobel, a glória, a fama, e isto, aquilo e aquilo outro, o que que acha que queria mais?’. E eu respondi-lhe: ‘Tempo. Vida. Tempo e vida para continuar com meu trabalho, com a minha mulher. E para viver como tenho vivido até agora, e isto faz parte do modo como eu me vejo. E para continuar com... a alimentar-me, a viver e a fazer frutificar a felicidade que é a minha, e a felicidade que é a nossa’.

Há uma coisa que posso repetir aqui com meus 86, que se eu tivesse morrido antes de conhecer a Pilar, tinha morrido muito mais velho do que aquilo que sou.

Mas voltemos, antes que eu ponha-me aqui a chorar, voltemos rapidamente à viagem do elefante. O elefante morreu um ano depois de ter chegado a Viena. Esfolaram-no, e lhe cortaram as patas dianteiras para usá-las como recipientes para colocar ali os guarda-chuvas, as bengalas, os bastões, as sombrinhas. Se não tivesse acontecido isto, que é histórico, eu não direi que não teria escrito o livro, mas talvez não o escrevesse. Porque aquele corte das patas, aquelas patas que tinham andado milhares de quilômetros até chegar a Viena, no fundo, eram uma metáfora da inutilidade da vida.

Não conseguimos fazer dela mais do que o pouco que ela é. Então, quer dizer, que triste fim, não é? Que triste fim. Por isso, este elefante deve a sua existência literária a essa circunstância”.

*

“**José:** Encontramo-nos em outro sítio”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“O tempo é uma tira de elástico que estica e encolhe. Estar perto ou longe, lá ou cá, só depende da vontade”.



A MORTE

“Medo da morte, não tenho... Num poema meu há um verso que diz mais ou menos assim: ‘não o medo da morte, mas esse mais humano, de não viver bastante’. No fundo quando nós dizemos que temos medo da morte, o que queríamos era viver um pouco mais, porque cada dia vivido, ao mesmo tempo em que nos aproxima da morte, de alguma maneira mantém-na à distância”.

(Em *José e Pilar*, conversas inéditas de Miguel Gonçalves Mendes, 2011).

“Quando eu morrer... se se puser uma lápide no sítio onde eu ficar, poderá ser qualquer coisa assim: ‘Aqui jaz, indignado, fulano de tal’. Indignado, claro, por duas razões: a primeira, por já não estar vivo, que é um motivo bastante forte para nos indignarmos; e a segunda, mais séria, indignado por ter entrado num mundo injusto e ter saído de um mundo injusto. Mas temos de seguir, temos de seguir em frente, é preciso seguir”.

(“Saramago entre nós”. *Magna Terra*, Guatemala, n. 8, março-abril de 2001. Entrevista de J. L. Perdomo Orellana e Maurice Echeverría).

“**José:** O chato, o pior que tem a morte, percebe, é que você tenha de dizer: ‘eu estou aqui e um dia já não estarei’.

Aqui, seja em qualquer lugar. Você passa em Lisboa, passa na rua, e acha que a Avenida da Liberdade que é bonita, e olha para as árvores e diz: ‘Estou aqui e um dia já não estarei’. É o que tem, é o que tem de chato. Mas é que não vale a pena pensar.

O melhor ainda, para mim o ideal de vida, o ideal de vida é ser árvore, é ser árvore. A árvore está ali, alimenta-se diretamente do chão, da terra, cresce, abre-se, dá flores se a árvore é para

dar flores, ou frutos se der. E vive o tempo que tenha de viver, uma sequoia vive mil anos. Há oliveiras no nosso país que são centenárias, e várias vezes centenárias. Mas tudo acaba. Tudo acaba. Essa ideia de que a terra é assim e sempre foi assim, e há de ser sempre assim, não. Um dia desaparecerá. Um dia desaparece o sol, apaga-se o sol, desaparece o sistema solar, e acabou.

E o universo nem sequer se dará conta de que nós existimos. O universo não saberá que Homero escreveu a *Ilíada*. E por que tinha o universo que saber isso? Como é que o iria saber?”.

(Transcrição do vídeo editado para a exposição).

“A nossa única defesa contra a morte é o amor”.

CRONOBIOGRAFIA | CHRONO—BIOGRAPHY

.....
José de Sousa e Maria da Piedade, pais de José Saramago, 1920
José Saramago's parents José de Sousa and Maria da Piedade in 1920



.....
José Saramago com 8 anos de idade
José Saramago at age 8



.....
Jerônimo Melrinho e Josefa Caixinha, avós maternos de José Saramago, em Azinhaga
José Saramago's maternal grandparents Jerônimo Melrinho and Josefa Caixinha in Azinhaga



.....
Carteirinha de estudante de José Saramago – Escola Industrial de Afonso Domingues, ano letivo de 1939-1940 / José Saramago's student ID for the 1939/40 school year at the Afonso Domingues Technical School



• **1922** Nasce em 16 de novembro, na Rua da Alagoa de Azinhaga (Ribatejo, Golegã, Portugal) em uma família de camponeses. Os seus pais são José de Sousa, jornalista, e Maria da Piedade, doméstica.

José de Sousa Saramago is born on November 16th on Rua da Alagoa de Azinhaga (Ribatejo, Golegã, Portugal) to a family of peasants. His parents are José de Sousa, a day laborer, and Maria da Piedade, a housekeeper.

• **1924** Aos dois anos, muda-se para Lisboa com a família. Em dezembro morre o seu irmão mais velho, Francisco, com quatro anos de idade.

At age two, José moves with his family to Lisbon. In December, his older brother Francisco dies at the age of four.

• **1930** Durante este ano e os seguintes, a família Sousa teve uma vida difícil, morando em quartos alugados em diversas ruas de Lisboa. José passava muito tempo com os avós em Azinhaga, de quem era muito próximo.

The Sousa family experiences hardships in this and subsequent years, residing in a series of rented rooms throughout the city of Lisbon. José spends a lot of time with his grandparents, with whom he was very close, in Azinhaga.

• **1935** A falta de recursos econômicos da família o obriga a se transferir para a Escola Industrial de Afonso Domingues, onde estudará até 1940.

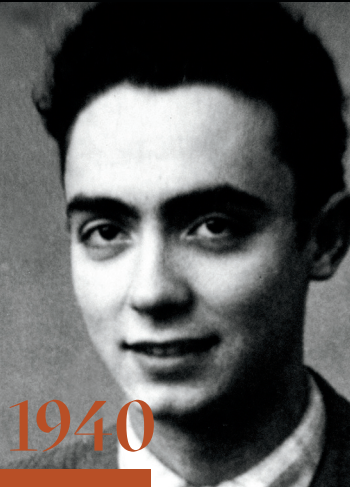
The family's lack of financial resources forces him to transfer to the Afonso Domingues Technical School where he would study until 1940.

• **1936** Ganha de presente de sua mãe seu primeiro livro, *A Toutinegra do Moinho*, de Émile de Richebourg.

José's mother gives him his first book, *A Toutinegra do Moinho* by Émile de Richebourg.

• **Julho | July, 1936**
Início da Guerra Civil Espanhola.
Beginning of the Spanish Civil War.

.....
José Saramago, 1940



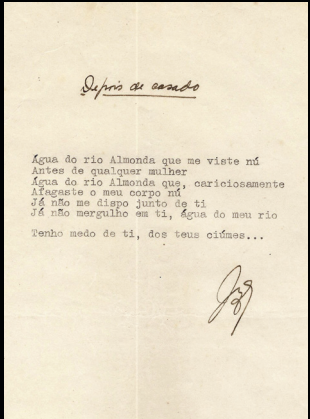
.....
Palácio das Galveias, fachada principal, 1935
Galveias Palace, main facade, 1935
Foto de photo by Eduardo Portugal / Arquivo
Fotográfico Municipal de Lisboa / Lisbon
Municipal Photography Archive



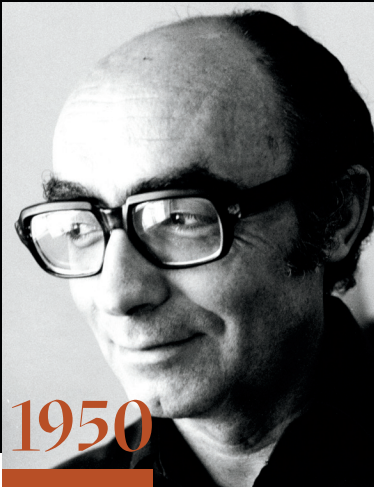
.....
José Saramago, Ilda Reis e a filha, Violante
José Saramago, Ilda Reis and their daughter Violante



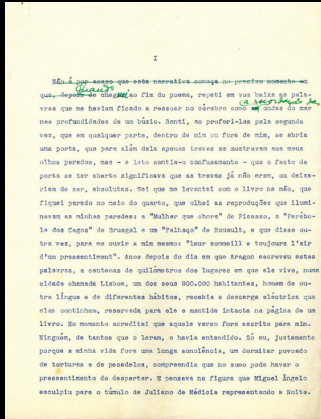
.....
"Depois de Casado", poema inédito,
fevereiro de 1945 / "After Married",
unpublished poem, February 1945



.....
José Saramago, início dos anos 1950
José Saramago, early 1950s



.....
Os Emparedados, romance inédito
inacabado, 1951
"The Enclosed", unfinished unpublished
novel, 1951



"Eu sou um simples homem, hesitante e desgraçado, mortificado pela vida e pela cobardia. Não há em mim nada do que faz grandes os homens. Talvez (deve ser isto) a existência do monstro dentro de mim..."

"I am a simple man, hesitant and wretched, mortified by life and by cowardice. There is nothing in me that makes men great. Perhaps [this must be it] the existence of the monster in me..."

• **1940** Forma-se como serralheiro mecânico e consegue o seu primeiro emprego nas oficinas dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

Saramago receives a degree in mechanical metalworking and gets his first job in the offices of the Civilian Hospitals of Lisbon.

• À noite, frequenta a Biblioteca Municipal do Palácio das Galveias, onde descobre, dentro de um livro, a revista *Athena*, dirigida por Fernando Pessoa e Rui Vaz. É nela que ele descobre as odes de Ricardo Reis, que passam a ser sua companhia constante. "Tinha diante de mim a beleza em estado puro".

At night, he frequents the Galveias Palace Municipal Library, where he discovers, inside of a book, the magazine *Athena*, edited by Fernando Pessoa and Rui Vaz. In it, he discovers the odes of Ricardo Reis, which became his constant companion. "I had before me beauty in a pure state."

• **1942** Passa a ocupar um lugar nos serviços administrativos dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Saramago is given a position in the administrative services of the Civilian Hospitals of Lisbon.

• Compra seus primeiros livros. He buys his first books.

• **1943** Trabalha na Caixa de Abono de Família do Pessoal da Indústria de Cerâmica, até 1949. He works at the Family Allowance Fund for Employees of the Ceramics Industry until 1949.

• **1944** Casa-se com a pintora Ilda Reis. He marries the painter Ilda Reis.

• **1945** Começa a escrever poesias. Têm 44 poemas inéditos datilografados. He begins to write poetry. He has 44 unpublished, typewritten poems

• **1947** Publica seu primeiro romance, *Terra do Pecado*. Saramago publishes his first novel, *Land of Sin*.

• Nasce sua filha, Violante. His daughter Violante is born.

• **1950** Começa a trabalhar na Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia Previdente, fazendo cálculos de subsídios e de pensões. He begins working at the Companhia Previdente Employee Pension Fund, calculating subsidies and pensions.

• **1953** Termina o romance *Claraboia*, assinado como Honorato. Mas o romance só foi publicado após sua morte. He completes the novel *Skylight*, which he signs as Honorato. It sees publication only after his death.

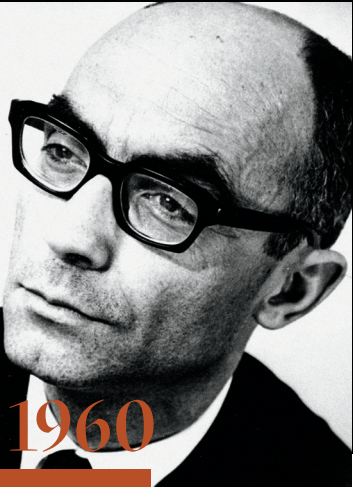
• No começo dos anos 1950, faz várias tentativas literárias sem sucesso, que ficam inacabadas como *O Mel e o Fel*, *Os Emparedados*, *Rua* e *O Sistema*. São anos de desalento, desassossego e de incerteza profissional, numa época que também era de penumbra para o país: "Lá fora há muito sol, dentro de mim há muito frio."

O frio da desesperança, do fracasso sem remédio, da impotência, meu Deus em que não creio, da impotência!". O clima do salazarismo (uma das denominações do Estado Novo Português, que durou de 1933 a 1974) também aumenta esse sentimento de crise e decadência.

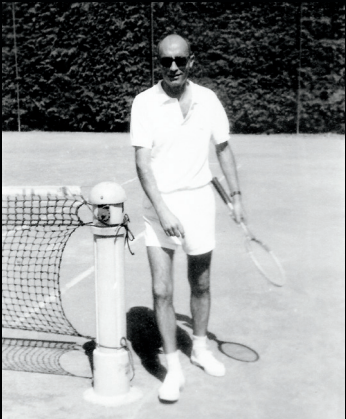
In the early 1950s, he made several unsuccessful literary attempts which were left unfinished, such as *O Mel e o Fel* ["*Honey and Bile*"], *Os Emparedados* ["*The Enclosed*"], *Rua* ["*Street*"] and *O Sistema* ["*The System*"]. These are years of despondency and restlessness, of professional uncertainty, during a period which was also a dark time for the country: "Outside there's plenty of sun, inside of me is so much coldness. The coldness of despair, of failure without remedy, of impotence, my God in which I don't believe, of such impotence!". The climate of Salazarism (one of the designations for the Portuguese Second Republic, which lasted from 1933 to 1974) also heightened the sense of crisis and decline.

• **1959** Começa a colaborar com a Editora Editorial Estúdios Cor. Dedicar-se à produção e começa a ser reconhecido no campo da literatura e da cultura. Nesse período, traduz mais de 60 títulos até meados dos anos 1980, entre eles Colette e Tolstói. He begins collaborating with the publishing house Editorial Estúdios Cor. He dedicates himself to his work and starts earning recognition in the field of literature and culture. From this period until the mid-1980s, he translates over 60 titles, including works by Colette and Tolstoy.

.....
José Saramago, 1966



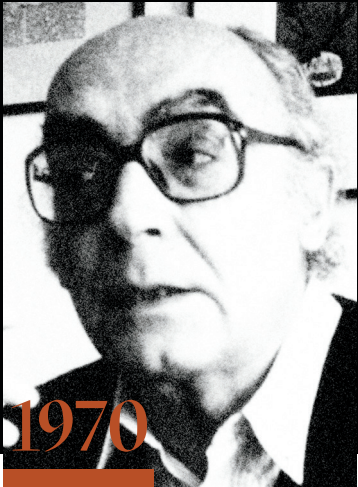
.....
José Saramago, 1966



.....
“Carta para Josefa, minha avó”. Crônica publicada em *A Capital*, Lisboa, em 14 de março de 1968 / “Letter to Josefa, my grandmother”. Essay published in *A Capital*, Lisbon on March 14th, 1968



.....
José Saramago, 1972-1975



.....
Primeira edição de *Deste Mundo e do Outro*, Lisboa, Editora Arcádia
The first edition of *This World and the Other*, Lisbon, Editora Arcádia



.....
Primeira edição de *A Bagagem do Viajante*, Lisboa, Editorial Futura, 1973
The first edition of *The Traveller's Baggage*, Lisbon, Editorial Futura, 1973



.....
José Saramago na primeira comemoração do 1º de maio pelo Partido Comunista Português, poucos dias depois da Revolução dos Cravos, Azinhaga, 1974 / José Saramago at the first May 1st commemoration of the Portuguese Communist Party just days after the Carnation Revolution, Azinhaga, 1974



.....
Manifestação de apoio ao Partido Comunista Português durante a primeira campanha eleitoral após a Revolução dos Cravos, Lisboa, 1975
Demonstration of support for the Portuguese Communist Party during the first electoral campaign after the Carnation Revolution, Lisbon, 1975



“Costumo dizer que se alguém quer entender com clareza o que eu estou a fazer agora, tem que ler aquelas crônicas dos anos 1970. São as coisas que eu publicava nessa altura, reunidas em dois volumes: *A Bagagem do Viajante* e *Deste Mundo e do Outro*. Não quero com isso dizer que contenham o que eu sou agora, mas é preciso lê-las para perceber que o escritor que eu sou agora não é uma coisa estranhíssima que nasceu sem se saber como, já tinha raízes antigas”.

“If someone really wants to clearly understand what I’m doing now, I usually tell them to read those columns from the 1970s. The things I published during that period, collected in two volumes: *The Traveller’s Baggage* and *This World and the Other*. I don’t mean to say that they contain what I am now, but it’s necessary to read them to realize that the writer I am now is not some strange thing that was just born out of nowhere, that I had roots back then.”

• **1962** Assume a direção da Editora Editorial Estúdios Cor.

He assumes the direction of Editorial Estúdios Cor.

• **1966** É editado seu primeiro livro de poesias, *Os Poemas Possíveis*.

His first book of poetry, *Possible Poems*, is released.

• **1967/1968** Colabora como crítico literário da revista *Seara Nova* e publica crônicas no jornal *O Capital* nas sessões “Rua Acima, Rua Abaixo” e “Deste Mundo e do Outro”.

He contributes literary criticism to the magazine *Seara Nova* and publishes non-fiction articles in the newspaper *O Capital* in the sections “Rua Acima, Rua Abaixo” [“Street Above, Street Below”] and “Deste Mundo e do Outro” [“This World and the Other”].

• **1969** Falece a avó Josefa Caixinha, para quem escreve a crônica “Carta para Josefa, minha avó”.

His grandmother, Josefa Caixinha, for whom he wrote the essay “Letter to Josefa, my grandmother”, passes away.

• **Filia-se ao Partido Comunista Português.**

Saramago joins the Portuguese Communist Party.

• **Faz sua primeira viagem ao exterior.**

He makes his first trip abroad.

• **1970** Separa-se de Ilda Reis e passa a viver com Isabel da Nóbrega, relação que durará até 1986.

He divorces Ilda Reis and goes to live with Isabel da Nóbrega. Their relationship would last until 1986.

• **Reúne as suas 61 crônicas publicadas no livro *Deste Mundo e de Outro*.**

He collects 61 published newspaper columns in the book *This World and the Other*.

• **1971** Deixa a Editora Editorial Estúdios Cor.

Saramago leaves Editorial Estúdios Cor.

• **Trabalha como editorialista no *Diário de Lisboa*.**

He works as editorialist for *Diário de Lisboa*.

• **1973** Publica seu segundo livro de crônicas, *A Bagagem do Viajante*.

He publishes his second book of newspaper columns, *The Traveller’s Baggage*.

• **1974** Após a Revolução de 25 de Abril, também conhecida como Revolução dos Cravos, resultante do movimento social que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, Saramago coordena uma equipe do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ), sob dependência do Ministério da Educação.

After the Carnation Revolution, also referred to as the 25th of April, the result of the social movement that deposed the dictatorial regime of the Portuguese Second Republic, Saramago coordinates a team at the Support Fund for Youth Organizations (FAOJ) under the auspices of the Ministry of Education.

• **1975** É nomeado diretor-adjunto do *Diário de Notícias*. Acusado de radicalismo marxista, vive um tumultuoso momento de crise, paralelo à evolução política moderada da Revolução, que o afasta do jornal, sem sequer receber apoio do seu partido.

He is named associate director at *Diário de Notícias*. Accused of Marxist radicalism, he experiences a tumultuous moment of crisis in parallel to the moderate political evolution of the Revolution. He is pushed out of the newspaper, without the support of his own party.

• **1975** Publica o livro de poemas *O Ano de 1993*.

He publishes the book of poems *The Year of 1993*.

• **Ao ficar desempregado, em 25 de novembro, toma a decisão-chave de não procurar outro trabalho e dedicar-se exclusivamente à escrita e à tradução.**

After losing his job on November 25th, he makes the key decision to not seek another job and dedicates himself exclusively to writing and translation.

• **1976** Em dezembro, publica o romance *Manual de Pintura e Caligrafia*.

In December, he publishes the novel *Manual of Painting and Calligraphy*.

• **1976 - 1979** Os seus únicos rendimentos provêm das traduções e, por isso, intensifica esta atividade no período.

His only income comes from translations and, as such, he intensifies this activity during this period.

• **1977** Vai para aldeia do Lavre a fim de escrever *Levantado do Chão*.

He goes to the village of Lavre with the intention of writing *Raised from the Ground*.

• **1978** Viaja para a República Democrática Alemã.

He travels to the German Democratic Republic.

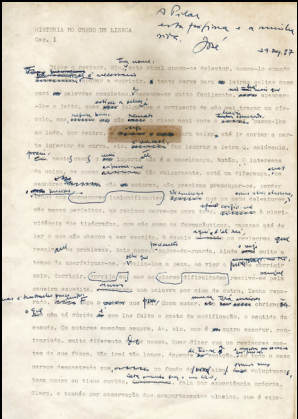
.....

José Saramago, início dos anos 1980
José Saramago, early 1980s



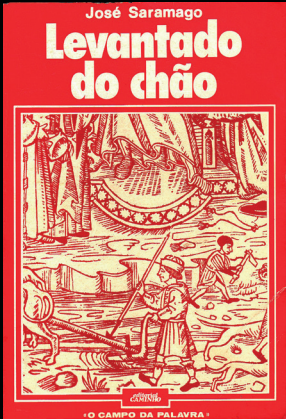
.....

Correção de uma página do livro *História do Cerco de Lisboa*, feita pelo autor, 1988 / Correction to a page in the book *The History of the Siege of Lisbon*, made by the author, 1988



.....

Primeira edição de *Levantado do Chão*, Lisboa, 1980, Editorial Caminho / The first edition of *Raised from the Ground*, Lisbon, 1980, Editorial Caminho



.....

Capa de *Memorial do Convento*, Lisboa, 1982, Editorial Caminho/ Círculo de Leitores / Cover of *Baltasar and Blimunda*, Lisbon, 1982, Editorial Caminho/Círculo de Leitores



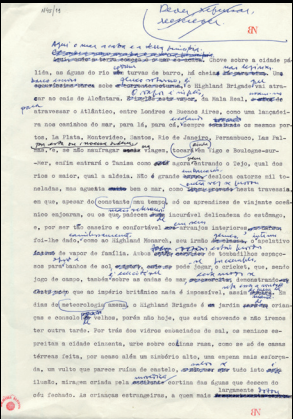
.....

Com a mãe e o Presidente da República, Francisco da Costa Gomes, na apresentação de *Levantado do Chão*, 1980 / With his mother and Portuguese president Francisco da Costa Gomes at the presentation of *Raised from the Ground*, 1980



.....

Primeira página do livro *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 1984
First page of the book *The Year of the Death of Ricardo Reis*, 1984



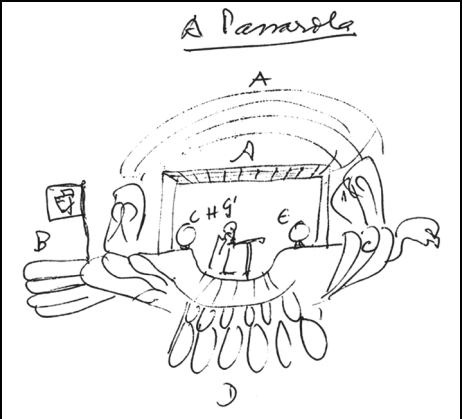
.....

Pilar e José em Lanzarote
Pilar and José in Lanzarote
Foto de photo by Juan Jamón Iborra



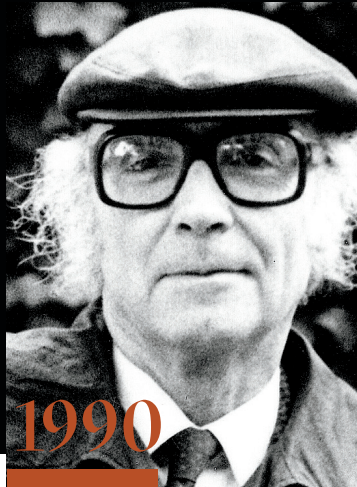
.....

Desenho de Saramago para “A passarola” (a máquina de voar inventada por Bartolomeu Lourenço de Gusmão em *O Memorial do Convento*, 1982) / Saramago’s drawing of “A passarola” (the flying machine invented by Bartolomeu Lourenço de Gusmão in *Baltasar and Blimunda*, 1982)



.....

José Saramago, anos 1990
José Saramago, 1990s.



• **1980** Publica *Levantado do Chão*, que marca o início do estilo saramaguiano. Com 20 páginas, decide abandonar a pontuação, de modo que, depois de pronto, reescreveria as 20 páginas iniciais do livro.

He publishes *Raised from the Ground*, which marks the beginning of the Saramagonian style. After 20 pages, he decides to abandon the use of punctuation, such that, once it was finished, he would rewrite the book’s first 20 pages.

• **Começa uma viagem por Portugal que será a base para o livro *Viagem a Portugal*.**
He begins a trip through Portugal that would be the basis of the book *Journey to Portugal*.

• **1982** Publica *Memorial do Convento*, que o consagra internacionalmente.
He publishes *Baltasar and Blimunda*, establishing him on an international level.

• **1984** Publica *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.
He publishes *The Year of the Death of Ricardo Reis*.

• **1985** É nomeado Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada pelo Presidente da República, Mário Soares.
Saramago is named Knight of the Military Order of Saint James of the Sword by Portuguese president Mário Soares.

• **1986** Termina a relação com Isabel da Nóbrega. He ends his relationship with Isabel da Nóbrega.

• Publica *A Jangada de Pedra*. He publishes *The Stone Raft*.

• **Conhece Pilar del Río**. Saramago meets Pilar del Río.

• **1988** Casa-se com Pilar del Río. He marries Pilar del Río.

• **1989** Publica *História do Cerco de Lisboa*.
He publishes *The History of the Siege of Lisbon*.

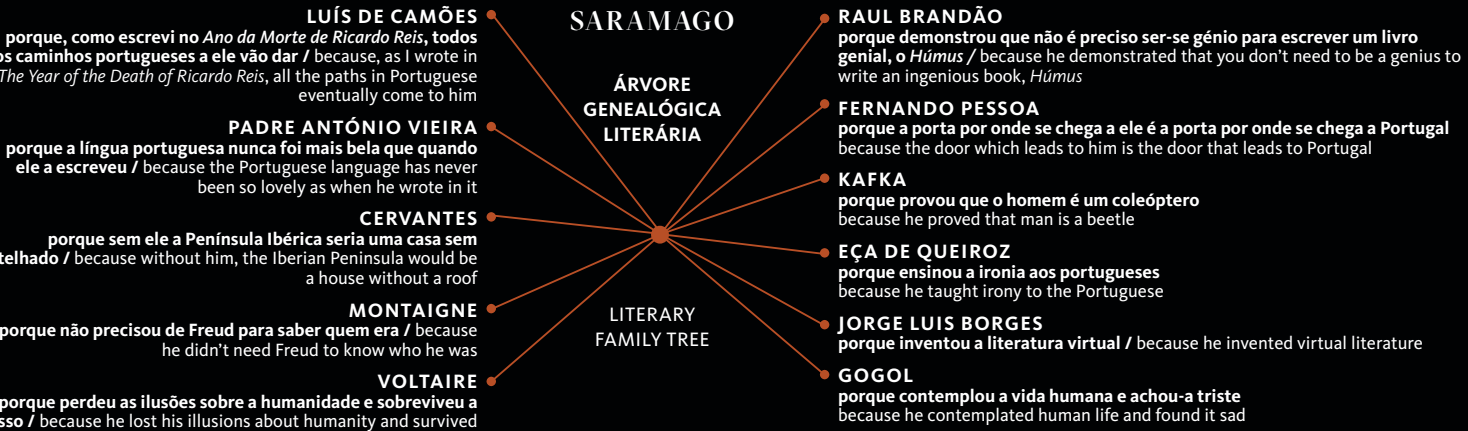
• **Tem a primeira ideia para *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Anota no seu caderno: “Bolonha, 12 de abril de 1989, de manhã, pinacoteca. Evidência súbita, iluminação, deslumbramento quase, a história encontrou os seus pontos de apoio e ligação. Jesus nasce numa cova ou gruta e não num estábulo. Jesus tem um encontro com Jeová que lhe revelará o futuro, não apenas o seu próprio mas também o da religião que será fundada na morte necessária de um mártir. Jesus recusa esse papel e foge. A história a contar será então a de uma longa mas não interminável fuga. Os milagres serão operados por Jeová à frente de Jesus para o forçar a aceitar a proposta”.**

He has his first idea for *The Gospel According to Jesus Christ*. He writes in his notebook: “Bologna, April 12th, 1989, in the morning, pinacotheca. Abrupt evidence, illumination, almost wonderment, the story found its points of support and connection. Jesus is born in a grave or a cave and not in a stable. Jesus has an encounter with Jehovah that reveals the future to him, not just his own, but also that of the religion to be founded on the necessary death of a martyr. Jesus refuses this role and flees. The story to be told will thus be one of a long but not endless flight. The miracles are conducted by Jehovah in front of Jesus in order to force him to accept the proposal.”

• **1991** Publica *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*.
He publishes *The Gospel According to Jesus Christ*.

• **Desenvolve uma incansável atividade de conferencista, com muitas reflexões e intervenções de caráter social e político. Forma-se a imagem de um dos intelectuais de esquerda comprometidos e de maior influência do seu tempo.**
Saramago develops a tireless routine as a lecturer, with many reflections and interventions of a social and political nature. He establishes an image as one of the most committed and influential leftwing intellectuals of his time.

• **Em *Cadernos de Lanzarote* escreve: “A minha lista [da minha própria “árvore genealógica literária”].** In *Cadernos de Lanzarote* [“Lanzarote Notebooks”] he writes: “My list [of my own “literary genealogical tree”].



• **1992** Em abril, o governo português veta a candidatura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* ao Prémio Literário Europeu. Em julho já tinham sido vendidas mais de 100.000 cópias em Portugal e 400.00 no Brasil.

In April, the Portuguese government vetoes *The Gospel According to Jesus Christ*'s nomination for the European Literary Prize. By July, over 100,000 copies had been sold in Portugal, and 400,000 in Brazil.

• **1993** Muda para Lanzarote. He moves to Lanzarote.

• Publica a sua quarta peça de teatro, *In Nomine Dei*, que é distinguida com o Grande Prémio de Teatro da Associação Portuguesa de Escritores. Saramago publishes his fourth play, *In Nomine Dei*, which is distinguished with the Grand Prize for Theater from the Portuguese Association of Writers.

“Não esperava que, depois do 25 de abril, se repetissem comportamentos desses, então institucionalizados. Embora a exclusão do meu romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* tenha também um carácter institucional, porque não foi uma medida extemporânea. É uma decisão tomada por uma instância do Governo e foi no exercício de uma autoridade governamental que a decisão foi tomada. Quanto ao meu estado de espírito: estou triste e indignado. Sinto-me também estupefacto: nos primeiros dias após a decisão governamental perguntava-me se isto estava de facto a acontecer. Mas Governo, secretário de Estado da Cultura e subsecretário de Estado da Cultura tiveram a resposta que mereciam: repúdio. O que não diminui a indignação, contaminada por um sentimento de tristeza profunda”.

“I did not expect these sorts of comportments, formerly institutionalized, after April 25th. Though the exclusion of my novel *The Gospel According to Jesus Christ* is also institutional in character, because it was not an extemporaneous measure. It is a decision made by a government body and was in the exercise of governmental authority that the decision was made. In terms of my state of spirit: I am sad and indignant. I also feel dumbfounded: in the first few days after the governmental decision I asked myself if this was actually happening. But the government, secretary of state of culture and undersecretary of state of culture got the response they deserved: repudiation. Which does not diminish the indignation I feel, contaminated by a sense of profound sadness.”

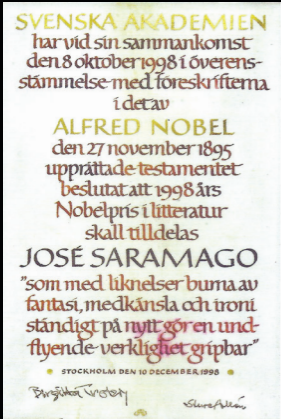
Discurso feito na Cerimônia de Entrega dos Prêmios Nobel, 1998, da Academia Sueca, Estocolmo / Speech delivered at the 1998 Nobel Prize Award Ceremony at the Swedish Academy in Stockholm



Cerimônia de Entrega dos Prêmios Nobel, 1998, da Academia Sueca, Estocolmo / Speech delivered at the 1998 Nobel Prize Award Ceremony in Stockholm



Diploma do Prêmio Nobel, recebido em 1998 / Nobel Prize Diploma, received in 1998



• Torna-se membro do Parlamento Internacional de Escritores, com sede em Estrasburgo. / He becomes a member of the International Parliament of Writers, headquartered in Strasbourg.

• **1994** Publica o primeiro volume de *Cadernos de Lanzarote*. He publishes the first volume of *Cadernos de Lanzarote* [*“Lanzarote Notebooks”*].

• **1995** Publica *Ensaio sobre a Cegueira*. He publishes *Blindness*.

• Publica o segundo volume de *Cadernos de Lanzarote*. He publishes the second volume of *Cadernos de Lanzarote*.

• É premiado com o Prémio Camões. He is awarded the Camões Prize.

• **1996** Publica o terceiro volume de *Cadernos de Lanzarote*. He publishes the third volume of *Cadernos de Lanzarote*.

• **1997** Publica o quarto volume de *Cadernos de Lanzarote*. The fourth volume of *Cadernos de Lanzarote* is released.

• Publica o romance *Todos os Nomes*. He publishes the novel *All the Names*.

• É nomeado Filho Adoptivo de Lanzarote. He is named Adopted Son of Lanzarote.

• Publica *O Conto da Ilha Desconhecida*. He publishes *The Tale of the Unknown Island*.

• **1998** Recebe o Prémio Nobel da Literatura “pela sua capacidade de tornar compreensível uma realidade fugidia, com parábolas sustentadas pela imaginação, pela compaixão e pela ironia”, segundo a Academia Sueca. The Swedish Academy awards the Nobel Prize in Literature to Saramago, “who with parables sustained by imagination compassion and irony continually enables us once again to apprehend an elusory reality.”

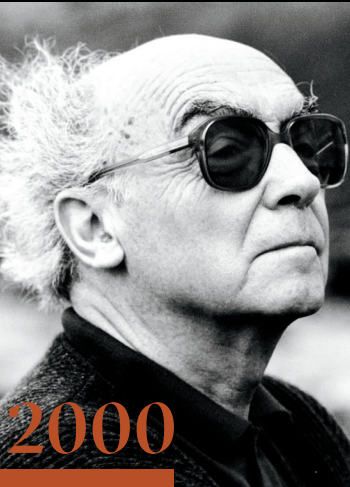
“Em certo sentido poder-se-á mesmo dizer que, letra a letra, palavra a palavra, página a página, livro a livro, tenho vindo, sucessivamente, a implantar no homem que fui as personagens que criei. Creio que, sem elas, não seria a pessoa que hoje sou, sem elas talvez a minha vida não tivesse logrado ser mais do que um esboço impreciso, uma promessa como tantas outras que de promessa não conseguiram passar, a existência de alguém que talvez pudesse ter sido e afinal não tinha chegado a ser”.

“In a certain sense you could say that, letter by letter, word by word, page by page, book by book, I have come, successively, to implant the characters that I created in the man that I was. I believe that, without them, I would not be the person I am today. Without them, perhaps my life would have not amounted to anything more than an imprecise outline, a promise like so many others who never managed to get beyond promise, the existence of someone who perhaps could have been, but in the end never got to be”.

.....
Saramago com membros do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), chefiados pelo Comandante David em Aguascalientes de Oventic, Chiapas, México, dezembro de 1999 / Saramago with members of the Zapatista Army of National Liberation (EZLN), led by Comandante David in Aguascalientes de Oventic, Chiapas, Mexico, December of 1999



.....
José Saramago, início dos anos 2000
José Saramago, early 2000s



.....
A Maior Flor do Mundo, 11ª edição, Lisboa, Editora Caminho / *The Biggest Flower in the World*, 11th edition, Lisbon, Editora Caminho



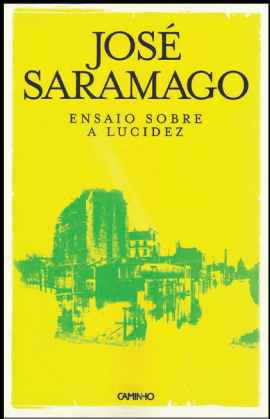
.....
O Homem Duplicado, 2ª edição, Lisboa, Editora Caminho / *The Double*, 2nd edition, Lisbon, Editora Caminho



.....
As Intermittências da Morte, 2ª edição, Lisboa, Editora Caminho / *Death with Interruptions*, 2nd edition, Lisbon, Editora Caminho



.....
Ensaio sobre a Lucidez, 2ª edição, Lisboa, Editora Caminho / *Seeing*, 2nd edition, Lisbon, Editora Caminho



.....
Fundação José Saramago, Lisboa
José Saramago Foundation, Lisbon



.....
Fernando Meirelles e José Saramago em Lisboa, 2008
Fernando Meirelles and José Saramago in Lisbon, 2008



• Publica o quinto volume de *Cadernos de Lanzarote*. The fifth volume of *Cadernos de Lanzarote* is released.

• Recebe do Presidente da República, Jorge Sampaio, o Grande Colar da Ordem de Santiago da Espada, suprema condecoração em Portugal, até então reservada apenas para chefes de Estado. Portuguese president Jorge Sampaio presents him with the Grand Collar of the Order of Saint James of the Sword, the highest honor in Portugal, until then reserved for heads of state.

• 1999 Publica *Folhas Políticas*. He publishes *Folhas Políticas* ["Political Pages"].

• Visita e permanece durante alguns dias no México, com os zapatistas. He visits Mexico and spends a number of days with the Zapatistas.

• 2000 Publica *A Caverna*.
He publishes *The Cave*.

• 2001 Publica *A Maior Flor do Mundo*.
He publishes *A Maior Flor do Mundo* ["The Biggest Flower in the World"].

• Visita Ramallah e encontra com o poeta palestino Mahmud Darwish. Em defesa da causa palestina, diz que o espírito de Auschwitz estava presente na cidade, declaração que gerou enorme polêmica com Israel. He visits Ramallah and meets with Palestinian poet Mahmud Darwish. In defense of the Palestinian cause, Saramago says that the spirit of Auschwitz was present in the city, a statement that provokes much controversy in Israel.

• 2002 Publica *O Homem Duplicado*.
He publishes *The Double*.

• 2003 Lê em Madrid o *Manifesto Não à Guerra*, contra a invasão americana no Iraque. In Madrid, he reads the *Anti-War Manifesto* in opposition to the US invasion of Iraq.

• 2004 Publica *Ensaio sobre a Lucidez*.
He publishes *Seeing*.

• Publica *As Intermittências da Morte*.
He publishes *Death With Interruptions*.

• 2006 Publica *As Pequenas Memórias*.
He publishes *Small Memories*.

• 2007 Cria a Fundação José Saramago. Não apenas com o objetivo de promover a conservação, o estudo e o conhecimento da sua obra, mas também de intervir social e culturalmente e de contribuir para a promoção ativa dos direitos humanos. He creates the José Saramago Foundation. Not only with the objective of promoting the conservation, study and knowledge of his work, but also to be of social and cultural influence and to actively contribute to the promotion of human rights.

• Em fevereiro, começa a escrever *A Viagem do Elefante*. Até maio, escreve cerca de quarenta páginas, mas precisa interromper a escrita por problemas de saúde. Só voltará a escrever o romance em fevereiro de 2008.

In February, he begins writing *The Elephant's Journey*. By May, he has written around 40 pages, but is forced to interrupt work on the book due to health issues. He would only resume writing the novel in February of 2008.

• O cineasta Fernando Meirelles trabalha na adaptação cinematográfica do *Ensaio sobre a Cegueira*. / Director Fernando Meirelles works on a film adaption of *Blindness*.

• Em 18 de dezembro, dá entrada num hospital de Lanzarote, com uma pneumonia que evoluirá, com complicações, ao ponto de pôr a sua vida em risco. Permanece hospitalizado por um mês e três dias. On December 18th, he is admitted to a Lanzarote hospital with a case of pneumonia which, due to complications, would evolve to the point of placing his life in danger. He remains hospitalized for a month and three days.

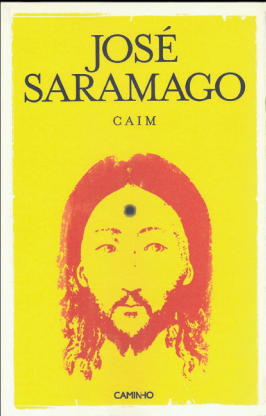
“As injustiças multiplicam-se no mundo, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade que é capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte neste tempo do que ao nosso próprio semelhante”.

“The world’s injustices multiply, inequalities deepen, ignorance grows, misery spreads. The same schizophrenic humanity that is capable of sending instruments to another planet to study the composition of its rocks, looks on with indifference as millions of people starve to death. These days, it is easier for us to get to Mars than to reach out to our fellow man.”

“Se alguém se aproximasse de mim para me consolar pelo facto de estar doente, dizendo: ‘Saramago, você está muito doente, mas ganhou o Prémio Nobel, ainda é alguma coisa, não?’, eu tentaria dizer que sim, era alguma coisa, mas, na situação em que me encontrava [com a doença sofrida em fins de 2007 e primeiros meses de 2008], não significava nada. Não era o Prémio Nobel que se ia apresentar ali com as receitas e os medicamentos necessários para que me salvassem”.

“If someone were to come up and try to console me for the fact of being sick, saying: ‘Saramago, you are very sick, but you won the Nobel Prize. That’s still something, right?’, I would try to say yes, it was something, but in the situation in which I found myself [with the illness suffered in late 2007 and the first months of 2008], it didn’t mean anything. It wasn’t the Nobel Prize that was going to show up there with the necessary prescriptions and medications to save me.”

.....
Caim, 12ª edição, Lisboa,
Editora Caminho / Caim,
12th edition, Lisbon, Editora
Caminho



.....
José Saramago, 2010



• No dia seguinte à sua saída do hospital, retoma a escrita de *A Viagem do Elefante*, interrompida pela doença. Nos dois primeiros dias, dedica-se à correção do que já estava escrito em cerca de quarenta páginas, e, no terceiro dia, já avança na história. Em 22 de agosto termina *A Viagem do Elefante*.

The day after his release from the hospital, he resumes writing *The Elephant’s Journey*, a process that was interrupted by his illness. For the next two days, he dedicates himself to corrections of the roughly 40 pages he had already written, around 40 pages, and on the third he resumes the story. On August 22nd, he completes *The Elephant’s Journey*.

• **2009** Publica *Caim*.
He publishes *Cain*.

• Em 22 de novembro, escreve uma carta de solidariedade à greve de fome de Aminatu Haidar (defensora incondicional dos Direitos Humanos e destacada ativista pela independência do Sahara Ocidental), após ser proibida de entrar no Marrocos. Em 1º de dezembro, a visita no aeroporto de Guacimeta, em Lanzarote, onde ela permanecia ainda na greve, que durou 32 dias.

On November 22nd, he writes a letter of solidarity to Aminatu Haidar, an unconditional defender of Human Rights and prominent activist for Western Saharan independence, for her hunger strike, after being denied entry Morocco. On December 1st, he visits Haidar at the Guacimeta airport in Lanzarote, where she would remain on hunger strike for 32 days.

• **2010** No dia 29 de janeiro, após o terremoto que abalou o Haiti, dá início a uma campanha de solidariedade em que a renda de uma edição especial de *Jangada de Pedra* é revertida para as vítimas do terremoto.

On January 29th, following the earthquake that shook Haiti, he begins a campaign of solidarity in which the earnings from a special edition of *The Stone Raft* are sent to victims of the earthquake.

• No dia 18 de junho, às 12h30, José Saramago faleceu em sua casa, em Lanzarote, acompanhado por sua família e amigos mais próximos.

At 12:30 PM on June 18th, José Saramago dies at his home in Lanzarote, accompanied by his family and closest friends.

Crédito / Credit
Cronobiografia baseada no livro *José Saramago: A Consistência dos Sonhos – Cronobiografia*, de Fernando Gómez Aguilera / Biography/timeline based on the book *José Saramago: The Consistency of Dreams — Crono-biography* by Fernando Gómez Aguilera.
Imagens / Images
Arquivo Fundação José Saramago / José Saramago Foundation Archives

MINISTÉRIO DA CULTURA AND SANTANDER
PRESENT

the ● points

SARAMAGO

and ● the

view ●

CURATOR
MARCELLO DANTAS

MARCH 6 TO JUNE 3, 2018

THE POINTS AND THE VIEW OF SARAMAGO

MARCELLO DANTAS
CURATOR

THE WORK OF JOSÉ SARAMAGO is without a doubt one of contemporary literature's greatest legacies. However, it is not the only thing that inspires this exhibition. We are also motivated to reveal more of the man he was through memorable episodes of his life while revealing some of his main features: his ability to learn, to observe, to reinvent, to love and tirelessly displace himself—either in name of a cause or to defend a new point of view.

His drifting and restless journey, from birth in Azinhaga to death in Lanzarote, is the object of this exhibition. It is predominately based on the extensive collection of images and testimonies that Miguel Gonçalves Mendes gathered for five years for the movie *José @ Pilar*, where he had the opportunity to build a close relationship with the author. There are priceless and unforgettable moments, some of them never shown before. What grasps our attention is Saramago as a citizen, as an observer and a lover, along with his solidarity and humour. José had disproportionate dimensions: a life in which his stature—whether physically, intellectually or civically—always stood out from its environments.

To Saramago there has always been a fine line separating his personal and professional life: his concerns and visions of the world were present in his daily life as much as in his books. All of his actions were infused with a certain commitment to the world; a world that has given him so much, to which he wanted to make a contribution. As we approach his universe, we realize his profound interest in the human condition, as well as in power relations. This understanding about what makes us human was his driving force as a citizen, and is seen all throughout his literary production.

Although writing has been present in his whole life, José was involved in a number of activities before becoming a writer. It allowed him to experiment life from different points of view. This accumulation of perspectives helped him shape the way he used to see the world. The fact he could only call himself a writer at an advanced age yielded the concise form he managed to express his essence. One of Saramago's greatest underlying paradoxes was that despite his declared atheism, faith and religiosity were used as a fundamental source of inspiration, ultimately acting as one of the driving forces in establishing his poetics.

“(...) you have to leave the island in order to see the island, that we can't see ourselves unless we become free of ourselves (...).”
(The Tale of the Unknown Island)

JOSÉ SARAMAGO SAID, “Time is an oblique and rippling surface that only memory is able to move and approach.” Considered the greatest expression of contemporary Portuguese literature, the writer, poet, columnist, playwright and journalist is now the subject of a retrospective exhibition at an extremely important moment in Santander's history.

Santander's encounter with the winner of the Nobel Prize in Literature in the unprecedented exhibition *Saramago—the points and the view* is deeply rooted in memory, a pillar that gives meaning to life. The exhibition is the first biographical initiative presented at **Farol Santander**, a new space dedicated to culture, entertainment and entrepreneurship recently opened in the heart of São Paulo. Dating from 1940s, the 528-foot building stands out in the city skyline.

The idea of a 360-degree view is at the core of both initiatives, be it a view of contemporary São Paulo or the life and works of José Saramago. On the one hand, one of the city's highest observation decks offers a panoramic view that stretches as far 25 miles. On the other, a comprehensive collection of memorabilia and audiovisual material providing visitors with a first-person experience of Saramago's point of view in its different dimensions.

The videos, edited specifically for the exhibition, provide an immersion that goes way beyond his sharp criticism and his writing, rich in detail and unconventional punctuation, beyond the voice of his characters, both real and fictional, who are commonly mistaken for self-reflections. The exhibition reveals Saramago as a citizen, an observer, a lover and a man of solidarity with a peculiar sense of humour.

We hope you enjoy your visit to the exhibition *Saramago—the points and the view*, as well as the **Farol Santander**.

MARCOS MADUREIRA
PRESIDENT SANTANDER CULTURAL



“JOSÉ: My full name is José de Souza Saramago.

MIGUEL GONÇALVES MENDES: Not only your name... The name of your parents, your age, your birthplace, your occupation.

JOSÉ: Man, this is a mess...

MIGUEL GONÇALVES MENDES: It is a kind of ID.

JOSÉ: Well, my name is José de Sousa Saramago, commonly known as José Saramago. I was born in a village called Azinhaga. My ID says I was born on the 18th of November, 1922, but that is not true. I was born on the 16th. As the birth certificate was issued two days later than permitted, they changed my birthdate to avoid paying a fine.

I'm a writer. That is, I write. I have the infinite privilege of making a living from what I write. And I don't know if there's anything else to tell you... Oh, there is something else: I didn't tell you my father's name. My mother was called Maria da Piedade, and my father was christened with the name José de Sousa. In the village back then, and even now I suppose, families were known by their nicknames, and my father's family's

nickname was Saramago, 'the Saramagos'. When my birth certificate was issued at the Civil Registration Office of Golegã, the employee asked my father: 'So what is the boy going to be called?' And my father told him: 'The same as his father'. So the employee decided to write at his own risk: José de Sousa Saramago.

Only at age 7 was this mystery uncovered. When I was required to present the birth certificate at school... Oh, heavens, there was something illegal there! How could a man called José de Sousa and a woman called Maria da Piedade have a son with the name José de Sousa Saramago? Where did that Saramago come from? The authorities asked. And so my father had no other remedy, but to issue a new certificate of his own name, which came to be also, José de Sousa Saramago. Because it made no sense for a Saramago to be the son of a Sousa—a Saramago had to be the son of a Saramago. Sometimes I say I suppose this is the first case of a son giving a name to his father. For an ID, you got a pretty thorough one there.”

(Transcription of the video edited for the exhibition, based on Miguel Gonçalves Mendes's archives for the movie *José @ Pilar*).

“In life, I have tried to refrain from doing whatever would shame the boy I once was.”

Saramago was born on November 16th 1922 to a family of landless peasants in Azinhaga, a small village located in Ribatejo, approximately 60 miles northeast of Lisbon. He moved to the capital at age two, but frequently visited his maternal grandparents until adulthood, often for extended periods of time.

“My mother's parents' names were Jerónimo Meirinho and Josefa Caixinha and they were both illiterate. In winter when the cold of the night grew to the point of freezing the water in the pots inside the house, they went to the sty and fetched the weaklings among the piglets, taking them to their bed. Under the coarse blankets, the warmth from the humans saved the little animals from freezing and rescued them from certain death. Although the two were kindly people, it was not a compassionate soul that prompted them to act in that way: what concerned them, without sentimentalism or rhetoric, was to protect their daily bread, as is natural for people who, to maintain their life, have not learnt to think more than is needful.”

(The author's 1998 Nobel Lecture)

“Once I wrote that everything is autobiography, that each of our lives are being told in everything we do and say—in our gestures, in the way we sit, how we walk and look at things. What I meant, then, is that we live surrounded by signs, that we are ourselves a system of signs. Anyway, may the readers relax: this Narcissus gazing at himself in the water today will tomorrow undo with his own hand the image at which he gazes.

Memory is also a clay statue: the wind blows and, little by little, it takes particles, grains, crystals with it. The rain softens the features, makes its limbs fall apart, reduces its neck. Every minute, what once was is no longer, and nothing is left of the statue but a shapeless form, a primal pulp. However, we restore every minute each and every memory.

My maternal grandfather, at the time they took him to Lisbon in very poor health, lived in an impoverished house in a village, where in the yard he kept a number of trees, two olive trees, a pear tree, and such things. He, a gruff, illiterate shepherd from whom great demonstrations of sensitivity could hardly be expected, went to say goodbye to the trees one by one, hugging each of them and crying, because he sensed that he was leaving never to come back.”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“We belong much more to the land where we were born [and where we were raised] than we imagine.”

D R E A M

In late 2007, José Saramago was hospitalized in Lanzarote due to a case of pneumonia that nearly took his life. While hospitalized, he recounted a dream to Miguel Gonçalves Mendes. After recovering, he returned home and finished the book he was writing, *The Elephant's Journey*. The book's dedication reads: "To Pilar, who wouldn't let me die."

"When I was a boy I had a reoccurring nightmare, which was more agonizing because it invariably went like this: I found myself, let's say, in a concealed space, with no doors or windows, a triangle-shaped space. And I was at one of this triangle's vertices, in a corner. And on the other side, at a distance, there was something on the floor, I never knew what it was, and this thing, which could look something like water on the ground, or a stone, but which was at the same time all of these things and none of them, would start to grow and there would be a song, which I also could never remember. And it would grow and grow, and I just could not escape. It would grow and grow, getting closer and closer until on the verge of being almost suffocated I would finally wake up.

Dreams are a kind of virtual reality. Cavemen already knew what virtual reality was, because they dreamed. The truth is that we sleep, but the brain does not. It does not sleep. In fact, nothing sleeps! The heart doesn't either. And, of course, the diseases and illnesses and such come, well... Sometimes they get resolved, others... until the last one. The last one never gets resolved.

Well... a body in good health, relatively good health, runs like a car's engine, which you hardly ever hear these days. And with this, that, and the other thing, it goes at an extraordinary speed until, one day, it stops. Something gets torn, something gets broken, something gets damaged. The material gets damaged; it's what we call material exhaustion. When it is not some other kind of damage. And we are a machine. It works well for some time, until it starts to work less well. And then the day always comes when it stops working... imagine... Imagine if it weren't this way?"

(Transcription of the video edited for the exhibition).

"I believe we give very little attention to what effectively makes all the decisions in our lives, to the organ we carry inside our heads: the brain."

L A N G U A G E

Punctuation not only serves to construct a writing style, it defines the metrics of verbal expression. In Saramago's work, in addition to subverting classical norms, it enables a stream of an ordinary, everyday thought process considered unique in literature.

"The narrative structure of my books seeks to approximate the discipline of writing and the spontaneity of speech, of orality. The result is a fluent, torrential discourse, a long river in which the current drags everything it comes across (...). I write the way people speak. And I turn more toward nature than sophistication. I came from the common people and I know how they feel, and think. Stories that are told and listened to are the kind I put in my novels." (Interview with *Segundo Caderno*, Porto Alegre, 1989)

"We speak and we use nouns, verbs, adjectives, conjunctions... We use them as if they have always existed. Language certainly passes and has certainly passed, let's say, from a rudimentary state and, little by little, becomes more complex. It is able to express feelings, emotions. This means that, the more words we know, the more we are capable of saying what we're thinking and feeling. In the 17th century, Father Antonio Vieira, who lived in Brazil, who defended the natives, was a diplomat, an orator, used to say: 'Affections are like lives. There is no surer sign that they are to last a short time than when they last a long time.'" Should we speak in such a complicated manner in our daily communication? Probably not, of course. But perhaps, back then, the way, surely the way of communicating was much richer in expression than it is today. And we have fewer and fewer words. We use increasingly less words. I mean, back in the times when we lived in caves and knew nothing of verbs or nouns, we went 'oinc, oinc, oinc,' and we understood each other this way, I suppose we did, and yes, they ended up understanding each other. And it was with these initial primitive sounds that language was built. Idioms, languages, all of it was built this way. It seems like we are in a process of involution, we are going back to the caves. By the way, if necessary, should we need to tell a woman that we like her, we may say 'ounoun,' something like that, and she will be very happy, because someone told her in this rather strange manner that she is loved."

(Transcription of the video edited for the exhibition).

1. VIEIRA, Padre Antonio (1643). Sermon of the mandate In: *Essencial – Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Penguin & Cia das Letras, 2011. The excerpt of the text mentioned by Saramago is the following: Affections are like lives. There is no greater sign that they were supposed to last shortly than if they last long."

"Writing is translating. It will always be. Even when we do so in our own language. We transport what we see and what we feel to a conventional code of signs: writing."

VISION

In 1990, during a trip to Rome, Saramago suffered a retinal detachment and realized that blindness was a possibility. Later, while having lunch alone in a restaurant, he asked himself: “What if we were all blind?”. He came to the conclusion that to a certain extent we are already blind, and started thinking about *Blindness*, a book that he himself considered to pave the path from the statue to the stone.

“Since *Blindness*, it was as if I were trying to get past the surface of the stone into its interior, and likely get lost inside... What concerns me at this moment is knowing: what the hell kind of people are we? Are we like the prisoners in Plato’s Cave, who thought the moving shadows projected on the wall were part of reality? Are we living in a world of illusions? What have we done to our critical sense, our ethical demands, our dignity as thinking beings?”

(Excerpt from “The Statue and the Stone”, essay by José Saramago published by the José Saramago Foundation, 2013)

“We don’t have, for instance, eyes, like the eagle or the falcon does. We live within a possibility of seeing what is ours, supposing that ours are healthy eyes, normal eyes, that they don’t see too much nor too little. And to make it clear, if Romeo from the story had the eyes of a falcon, he probably wouldn’t have fallen in love with Juliet. Because his eyes would have seen skin that possibly wasn’t pleasant to see. Because the falcon’s visual accuracy, which Romeo’s eyes would have, wouldn’t reveal human skin the way we see it.

But all of us are really blind. In fact, nowadays we are truly living in Plato’s Cave. Because there is no way the very images that show us reality could actually replace reality. We are, effectively, repeating situations experienced by the people imprisoned or trapped in Plato’s Cave, looking ahead, watching shadows, and believing these shadows to be reality. It took all these centuries for Plato’s Cave to finally appear in a moment of the history of mankind. That moment is now.”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“For me, writing is a serious act. It is a responsibility.”

DECISION

José Saramago took on various kinds of jobs throughout his life. He worked as mechanical metalworker, an administrative assistant at a hospital in Lisbon, an accountant at a pension fund, a translator and an editor. Ever since he got his first book as a gift at age 11, he was an avid reader, frequently visiting the Palácio Galveias Library in Lisbon and dabbling with writing poems and essays. Despite having written a novel at the age of 25, *Land of Sin*, and finishing another before he was 30—*Skylight*, which would only be published after his death—José Saramago would only acknowledge himself as a writer after his fiftieth birthday. In 1975, after having lost his job, he finally made the big decision.

“My life is a little boring. It is a life with no big adventures—not big, nor small ones. I don’t fit into that category of people, or of writers either, whose life was frantic and with a great deal of happenings. In the concrete case of writers and artists who led bohemian lives, and therefore have a lot to tell about heavy drinking and the things they did.

I haven’t had such a life. My life is of no interest whatsoever. It isn’t, it isn’t.

I reach the age of 60 with some books written, but without a body of work. In 1975, in November, I lose my job at *Diário de Notícias*. I find myself on the street, and then I make the biggest decision of my life. I didn’t have a job, nobody offered me one and I didn’t go looking for one. And I asked myself if I had actually had anything to say that was worth writing.

This was the great moment of my life, when in a very complicated, really difficult situation, I made a risky decision, effectively. I go to Alentejo and settle there and out of this time comes a novel called *Raised from the Ground*. The novel was released in 1980, it was well received. It is a very serious novel, and more than that. In 1982, *Baltasar and Blimunda* is released. In 1984, *The Year of the Death of Ricardo Reis*. And so on, all the way down to nowadays. If there is a moment in my life that is a key moment, it’s the moment of the decision. Not asking anyone: ‘And now, what do I do?’, which is something I never asked anyone else: ‘And now, what do I do? Give me some advice.’ I never asked anyone for advice. And I don’t give it either. Unless someone asks me, and, even then, only with much reservation. I said, it is now or never for me to know whether I am a writer or not. And I was 60 years old, my friend. All the rest, all the rest is trivial.”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“My path was always more or less a straight line, or at least I’d never lost the sense of the straight line to which I had obligated myself based on ethical grounds, political grounds, ideological grounds.”

M E E T I N G

José: “One day in June, 1986 (...) a woman who said her name was Pilar del Río called the house where I lived in Lisbon. A journalist by profession and a reader of my books, she mentioned a trip to Lisbon and said she would like to meet me, if I had time. And I said yes sir (...). For me, it was a very pleasant surprise. She was a very beautiful woman, as she still is. And, of course, we talked about books a little, she introduced herself, and I introduced myself. Then I asked her to go for a walk around town (...). In the end, we exchanged addresses, phone numbers and all, and that was it. I liked meeting her and had a feeling that it would lead to something more complete and more serious. I know she felt the same way: I had met that woman and she had met this man.”

(In *José @ Pilar*, original conversations with Miguel Gonçalves Mendes, 2011)

Pilar: “It would have never in my life occurred to me to think of him as my soul mate. To put it simply, he had a soul I liked. He was a person I liked, and I thought, as I got to know the human being, that he was the person in the books. That there was a truth, a human authenticity in the books, which I also found in the human being. Because there are writers that empty themselves into their books to such an extent that, afterwards, they become puppets. This is not Saramago's case. The human being corresponds to the work. The work corresponds to the human being. And, well, this amazed me. Still, I was even more surprised by the fact that he liked me... But, then, that is his responsibility and I cannot speak for him. I liked him, but what was surprising, and he has yet to clarify this, was the reason he liked me...”

(In *José @ Pilar*, original conversations with Miguel Gonçalves Mendes, 2011)

SIDE A

“JOSÉ: To love. To have love. Affection. Devotion.

PILAR: To live.

JOSÉ: To hold dear.

PILAR: To have life.

JOSÉ: To cherish.

PILAR: To last with life.

JOSÉ: To die. To no longer live. To like. To desire greatly. To not come to a conclusion.

March 7th. Parties in general make me gloomy. But on the way back, I found myself telling Pilar: ‘If I had died at the age of 63, before having met you, I would have died much older than I will be when my time comes.’

PILAR: When I met the man who I would marry, I knew it would be forever on my part. And for a lot of people, I suppose, even after 20 years of marriage, I will keep on being a young unscrupulous girl who went after an older man. For many other people, I am simply Pilar.”

*

“JOSÉ: It seems that what upsets them is that old saying: ‘From Spain, neither good winds, nor good marriages,’ but in this case it didn’t work. Pilar.

INTERVIEWER: Who is Pilar? What does she mean to you?

JOSÉ: Look, I think this answer can be found in my books’ dedications to the so-called Pilar del Río. I have called her ‘my pillar,’ in the physical sense of something you can get support from. I have called her ‘my home,’ which she effectively is. And, in my last book, when I could no longer... I mean, I had to create something distinct for this dedication. So, my dedication is: ‘To Pilar, who had not yet been born,’ because the problem was this: for a number of years I lived and she wasn't here. What was she doing? Why didn't she appear? And, then, the dedication ends: ‘To Pilar, who had not yet been

born, and who took so long to arrive.’ But, well, she did arrive! And I cannot imagine life otherwise.

INTERVIEWER: This seems so beautiful to me that we are going to end the interview with this. José, many thanks, kisses everyone, thanks, thanks.”

(Video transcription created for the exhibition).

“At 63, when one hardly hopes for anything, I found what was missing to have everything [Pilar del Río].”

SIDE B

“JOSÉ: This book's dedication was different. I changed it today: ‘To Pilar, who wouldn’t let me die.’ And so it was, so it was. ‘To Pilar, until the last moment.’ *Death with Interruptions*: ‘To Pilar, my home.’ *Seeing*: ‘To Pilar, every day.’ *The Lanzarote Notebooks*: ‘To Pilar.’ *Don Giovanni*: ‘To Pilar, my pillar.’ *Blindness*: ‘To Pilar.’ *The Gospel according to Jesus Christ*: ‘To Pilar.’ *Small Memories*: ‘For Pilar, who had not yet been born and who took so long to arrive.’

PILAR: Excuse me, but I will not climb a mountain on foot if there are elevators.

JOSÉ: Pilar was desperate. I didn't say where I was going. The idea when I left home was not to climb the White Mountain. I got there and said: ‘What if I climbed some of it?’ So I climbed some of it... Then, I said: ‘What if I climbed some more?’ I climbed some more. ‘What if I reached the top?’ I kept on going. I kept on going... I was 70 years old!

PILAR: I didn't say anything when you returned.

JOSÉ: No. You did. You did and not just a little.

PILAR: For several days, I didn't say anything.

JOSÉ: You were, I mean, you were...

PILAR: I was about to pack my bags and leave.

JOSÉ: You were mad. But well, this is one thing, one thing I can tell the visitors, isn't it? As if I had climbed Mount Everest. My Everest is that one, this one.

PILAR: Anyhow, next time you feel the need for an adventure, I suggest you do some embroidery, I suggest you embroider a towel. Listen, look, it's more productive, very meticulous, it takes a lot of effort, much concentration, much talent, and, besides that, it lasts.”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“Thanks to her intelligence, her creative force, her sensibility and also her wit, this writer's could exceed the life of a reasonably successful author towards one of continuous human ascension.”

LANZAROTE

“Lanzarote is not my land, but is the land of mine.”

In February of 1993, José Saramago and Pilar del Río move to Lanzarote. Their residency, built for the couple, was called “The House”. In Lanzarote, he could see the world from a displaced perspective and find the warmth and simplicity of his childhood.

“The immediate future, and, not only—that which follows the immediate—belongs to Lanzarote, where I am much loved. I could live in a place that was indifferent, or for some reason, live in various spots around the world temporarily. In this case, it’s not like that. We [*Saramago and his wife, Pilar del Río*] built a house, the house is there, we have a garden, we have trees, a tranquil life. We couldn’t ask for anything more. The friends who come to Lanzarote are charmed by it. It is not an island for all tastes. There are some people that arrive there and dislike it. They find it unbearable, arid, dry. They see nothing but stones, mountains, volcanoes, lava beds... Those expecting trees, songbirds and streams flowing amongst the greenery, find nothing of the sort. It is a beauty of another nature, a tough and rugged beauty... those basalts, those ravines. I sometimes think I was looking for a landscape that corresponded to an inner need of mine, and I believe this landscape is Lanzarote.”
(Interview with *Jornal Público*, 1998)

“The nights in Lanzarote are warm and tranquil.

A man knocked on the king’s door and said to him: give me a boat. And why do you want a boat, may I ask? To go searching for the unknown island.

May 4th, in Paris.
I thought of Lanzarote, where there are few people, where only recently books stopped being considered a rarity, where you can count the important cultural events each year on one hand. I ask myself how is possible to live there without missing these wonders, and I think it is good this way. Anyhow, I could never have read everything, seen everything, that one of my little volcanoes took more time to form itself than the Arc de Triomphe. And that the Champs Elysées has nothing on the Guinate Valley. Could Lanzarote, at this stage in my life, be a reclaimed Azinhaga? Are my restless wanderings on the island’s paths, with their spirit of obsession, not repetitions of that anxious search for something? It’s probably old age.”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“Maybe living in Lanzarote has influenced my writing style. It became more stern, disciplined and, therefore, of deeper insight.”

DISPLACEMENT

Saramago’s life reconciled the routine of someone who had given himself over to his craft with the agenda of a celebrity. While his work reveals his concerns with the world’s injustices and imbalances, his political activity made use of his visibility to make the world a better place.

“I never separate the writer and the citizen. And that doesn’t mean I wish to turn my work into a pamphlet. It means that I do not write for 2047, but rather for today, for people that are alive. My commitment is to my time.”
(Interview with *Faro de Vigo*, November, 1994)

“I will not accept the Nobel Prize like a beauty pageant winner, who has to parade around everywhere... I do not aspire to these thrones, nor could I, of course... But if what I have come to do thus far has been of some use to someone as a voice, as a criticism, as an analysis of the circumstances, of the facts, of political life, of social life, of the situation the world is in, then this is the way it shall continue to be.”
(Interview with Alexandra Lucas Coelho, *Jornal Público*, 1998)

“PILAR: January 9th, Seville; 12th; Madrid; 14th, 15th; Lanzarote... Lisbon, February 1st; Granada with Zapatero, 9th; shooting for the German show.
JOSÉ: And on the 27th we leave for Manchester, Edinburgh, Liverpool and London. This way of living is starting to seem absurd.”
*

“PRESENTER: José Saramago is the author of a vast and intense body of work. He is the first Nobel Prize winner to write in Portuguese, one of the most spoken languages in the world.
INTERVIEWER: Are you all right? Are you ok?
JOSÉ: Me? Yes, yes, I’m fine.
INTERVIEWER: After a three-hour interview, I say it for your heart, if nothing else.
JOSÉ: March 31st. Between nine-thirty in the morning and one in the afternoon, four interviews. I don’t know what the hell could still be of interest in statements repeated so much.
FAN: Can I take a picture with you?
JOSÉ: Go on.
JOSÉ: November 9th. The event took 3 hours. I got tired of smiling, of the effort to seem intelligent. November 16th. Trip to Rome. For the third time, I celebrate my birthday in the air.
JOSÉ: Oh, and why do you work so much? It’s not because a person can save the world with what they write. You also don’t know if you can save yourself. You just have to do whatever you have to do.
Interviewer: And one last one, please: What is the task of a writer?
JOSÉ: To write. But since the writer is also a citizen, to intervene in society as the citizen the writer is.
JOSÉ: June 14th. Back to Lanzarote. It’s been years since I met Pilar. I enter the house with joy.
INTERVIEWER: Let me know when we’re recording. 4, 3, 2, 1.”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“In the late years of my life, I would like to gather all my readers and have a dialogue with them.”
.

CHRISTMAS IN MEXICO

In 1969, José Saramago joined the Portuguese Communist Party (PCP), though he had previously collaborated with the party. During Salazar's military dictatorship (1926-1974), the party operated illegally. In the 1970s and '80s, he became a militant activist always maintaining a unique position within the Communist Party, acting respectfully and discretely, but always defending independent thought.

"I'm a libertarian communist, someone who defends the freedom to not accept everything that comes, but who also assumes a commitment to three questions that should be guidelines for our lives: Why? What for? For whom? These are the three basic questions, and, effectively, a person can accept a set of rules and abide by them with discipline. But they have to maintain the freedom to ask: Why? What for? For whom?"

(Interview in Montevideo, 2003)

"There is a new idea that was introduced to our minds. If we don't consume, we are nothing. If we don't consume, we are no one. We are someone to the extent that we are able to consume. From the moment a human being begins to see himself or herself as a consumer, all of his or her capacities are diminished, because they will all be put to the service of the greater possibility of consumption."

(Interview in Havana, 2007)

"INTERVIEWER: José, they would like to ask you to give a short greeting for the show. As it will be shown on Christmas, you can greet Mexico in general.

ASSISTANT: But with this cube, so you can see.

JOSÉ: What do I say, Pilar?

PILAR: That it should be Christmas year-round.

JOSÉ: But I hate Christmas, how can I say that?

PILAR: Say that every day should be Christmas.

CAMERA: 4, 3, 2, 1, whenever you like...

JOSÉ: I believe that the tradition imposed us or led us to believe there are days when we should be good. Which means, on all other days, we can be bad and there will be no problem. So, let's think of the other days, and leave Christmas in peace.

I didn't have toys when I was little, and I am very glad I didn't, because I had to build them. And now I pity the kids who go into their rooms and have teddy bears piling up to the ceiling. And they have koalas, and this and that, those poor creatures live in anguish not knowing what to do with all that. And the parents with this idea that kids have to be happy end up drowning them in material stuff which nobody thinks about any more the next day. But since they asked me for a greeting, well, here it is. A greeting for each to understand however they'd like. Some will say this old man is crazy for saying such things about Christmas, but I assure you I am not crazy. The crazy one is whoever invented, whoever decided Christmas must be what it is. This is pure madness! And so, greetings. And viva Mexico!

INTERVIEWER: Many thanks!

PILAR: As a greeting, it is very good!"

(Transcription of the video edited for the exhibition).

"The most necessary word in the times we live in is 'no.'"

THE ELEPHANT'S JOURNEY

Saramago used to say that we are responsible for the way we are in the world. His self-control was such that he only produced what was necessary, only what could be grasped, even while knowing his time was short. He was like the land that needs to be plowed—it needs to be prepared, seeded, watered, each step at the right time. It's not possible to carrying out the entire process all at once. Writing two pages each day was his way of taking a position in this regard. According to him, writing was a job like any other, not one that depends on divine inspiration, but a job that is done on a daily basis until a book is ready.

"What interested me in the story of this elephant was its conclusion, when, after its death, its feet were cut off to be used as a cane holder at the palace's entrance, so people could store their canes, umbrellas and hats. I generally say: 'Don't read my books, read my epigraphs.' The one in this book goes like this: 'In the end, we always arrive at the place where we are expected.' It obviously has to do with death, but also with whatever happens afterwards. This grotesque use of the elephant's front feet astonished me. If there weren't this ending, I might not have written the book."

(Interview with *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 2008)

"JOSÉ: The book will be called *The Elephant's Journey*. It is not the journey of the people that go with the elephant, the people who take him, it is the elephant's. But what does the elephant do all this time? It walks, walks, walks, walks and nothing else. There is missing info, stuff that seems foolish, right? Is the elephant like a horse? Does it sleep standing up?

INTERVIEWER: I have no idea. I've never had an elephant.

JOSÉ: Well, that's the problem, because these little things are fundamental."

*

"JOSÉ: May 2nd. I begin to write the story of the elephant.

By biding time, all the things in the universe will end up fitting into one another.

Here is the elephant. Solomon has no idea of what awaits him.

The man goes walking through the fog... once again, Solomon, please, once again, and Solomon obeyed. It was as if the elephant had thought: 'that poor devil is going to die, I will resurrect him.'

And then we have the poor devil fading away giving thanks and promising eternal gratitude. I was lost in the fog, and it was your voice that saved me.

The fact is that the sun, as a huge luminous broom, broke through the fog and swept it away. 'Ploft!' and it was gone.

There are providential onomatopoeias. Imagine we have to describe the process of the subject's vanishing. It would take at least ten pages."

*

"JOSÉ: You have until page 100. I can give you 10 more today or tomorrow. And as I told you, this week I will finish it."

*

"JOSÉ: The moment in which a girl lets go of her mother and runs to the elephant, then the elephant does it and it is historical: it grabs the girl with his trunk and returns her to the mother.

PILAR: All the keeper did was bless himself over and over again. He couldn't believe what his eyes had seen.

G O D

JosÉ: The next step begins with the climb north and, we could say, to hell.
PILAR: Who prepared the strategy for this journey? Now we need a sentence in Spanish that has to be very tough. Something like: he can fuck off. No... he can stick it up his ass.
INTERVIEWER: Can you put it in?
PILAR: No.”

*

“*PILAR*: Then, when he finishes, in order to finish in the same day, I rush it, so if he finishes a book by four in the afternoon, I finish it at eight. This way they have the same date.”

*

“JosÉ: There is not too much, I mean, what happens is that we have this obsession with romanticizing everything, and we soon begin to imagine some philosophical theories. The elephant shits, as it does evidently. The elephant pisses, because it does piss, and it eats. It doesn't speak. It doesn't think. And I won't make it think in human terms, evidently.”

*

“JosÉ: Don João III muttered: ‘Cousin Maximilian tells me the queen didn't let Solomon finish. She locked herself up in the chamber, where she cried for the rest of the day.”

*

“*PILAR*: Dear friends, José Saramago has just finished his new book *The Elephant's Journey*. Saramago began this task when he was incubating a disease, which made some of the people closest to him fear for his life. In the hospital, he himself started to doubt if he would manage to finish the book. However, seven months later, he was able put the final period at the end of the story. The elephant wasn't so lucky, but we will talk about that later. Hugs for all. I wish you happiness. Pilar.”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“I use novels as a vehicle of reflection. Reflection about what? About life, that is.”

Saramago sees no point in contemporary humanity's need for God's existence in order to explain its own existence. On one of his innumerable travels, we got the chance to hear his confessions:

“There will always be something for us to die of, but countless human beings have died in the worst ways human beings were capable of inventing. One of these, the most criminal and absurd one, which most offends simple reason, is one that has existed since the beginning of time and civilization: killing in the name of God. It has been said that religions, all religions, have never served to join and congregate men, but instead they were and still are the cause of indescribable suffering, of slaughters, of monstrous physical and spiritual violence that make up for the darkest chapters in human history. At least as a sign of respect for life, we should have the courage to proclaim in all circumstances this evident and verifiable truth. But the majority of believers in any religion not only pretend to ignore it, but also stand with rage and intolerance against those who think God is nothing more than a name. A name which, out of a fear of death, we placed one day and which halted us in our steps toward real humanization.”

(In “The God Factor”, article by José Saramago for *Folha de São Paulo*, 2001)

“JosÉ: Jesus dies... dies.

PILAR: Jesus dies... dies. When all of a sudden the skies open wide over his head and God appears, and his voice echoes all over the earth saying: ‘You are my beloved son. In you I place all my complacency.’

JosÉ: So Jesus understood he was misled here just as the lamb taken to sacrifice.

PILAR: That his life was mapped out from the very beginning to die like this.

JosÉ: From the very beginning...

PILAR: And he exclaimed to the opened sky, where God was smiling...

JosÉ: Men, forgive him, for he knows not what he does.”

*

“JosÉ: It is a hoax, a complete hoax. I went to mass once or twice when I was about 6 years old, but, well, it didn't convince me at all. And I told my mother: ‘No, no, I will not go there,’ and I didn't, ever again. I didn't have any sort of religious crisis, I don't fear death, I don't fear hell. I am not afraid, let's say, of the eternal punishment for sins that... What sins? What is this thing about sins? Who invented sin? From the moment sin is invented, its

devisor becomes owner of a tremendous tool of domination over the other. And that's what Church did. Not so much nowadays because it doesn't have half the power it once had. It is a sham, a tragic sham.

Where is God?

In the old days, they used to say: ‘He's in heaven.’ But heaven doesn't exist! There is no heaven. Heaven, what is that? There is space; there are 13 thousand million light-years. Picture that, the limits of the universe are between 13 thousand and 700 million light-years away. Light-years!

Where is God?

Whoever wants to believe believes and that's it! I say it out loud that it's not for me, not for me. And just think: at age 83, it might be a good time to start thinking about the future, right?

I mean, a person throughout his or her life may say a bunch of non-sense, say a bunch of nonsense about the lord God, but when one gets to 83, one must be a little concerned with what one says. But that doesn't change reality at all. Reality is the same as it's always been. There's birth, life and death. And that's it. Nothing else. I hope to die lucidly and with my eyes open. At least I would like it to be this way.”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“It would be more comfortable to believe in God, but I have chosen a place of discomfort.”

T I M E

“Sitting in front of the sea. Thinking that there aren’t too many years of life left. Understanding that happiness is only a personal matter, and that the world, this one, will never be happy. Recalling what you have done and finding it so little. Saying: ‘If I had more time...’ —and shrugging ironically, because these are foolish words. Looking at the volcanic stone in the middle of the garden—raw, rough and black—and understanding that this is a good place to think of nothing else. Under it, of course.”

(In *Lanzarote Nootebooks*, José Saramago, 1994)

“**JosÉ:** I believe I can say that there is nothing I regret. Because if I may be frank, I can ’t imagine a better life than mine. With all that happened, the ups and downs, if someone were to ask me: ‘Would you like to repeat your life?’ I would say yes. But all of it? All of it.”

*

“**JosÉ:** The book was written in a state of sheer happiness. Maybe this happiness was an effective result of me having escaped. After all, I am here also as a bit of a survivor.

How much longer? We don’t know, we never know. At any rate, on another day, in an interview given in Lisbon, I believe it was in Lisbon... they asked me: ‘And now that you have it all, the Nobel Prize, the glory, the fame, and this, and that, and whatever, what else would you wish for?’ Then I answered: ‘Time. Life. Time and life to continue with my work, with my wife. And to live as I have up until now, and this is part of how I see myself. And to continue with... nourishing myself, living and making this happiness that is mine, the happiness that is ours bear fruit.’

There is one thing I can repeat here at age 86, that if I had died before having met Pilar I would have died much older than I am.

But before I start crying, let’s get back quickly to the journey of the elephant. The elephant died a year after arriving in Vienna. It was killed and had its front feet cut off to be used as holders to store umbrellas, canes, sticks, sunshades. If this historical occurrence hadn’t happened, I won’t say I wouldn’t have written the book, but maybe I wouldn’t have. Because that extirpation of the feet—feet that had walked thousands of kilometers before reaching Vienna—, deep down, was a metaphor for the uselessness of life.

We cannot make more of it than the little that it is. Then, I mean, what a sad ending it is, isn’t it? What a sad ending. So this elephant owes its entire literary existence to this circumstance.”

*

“**JosÉ:** We will meet in another place.”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“Time is a rubber band that stretches and shrinks. Being near or far, here or there, is only a matter of will.”

D E A T H

“I have no fear of death... In a poem of mine there is a line that says something like this: ‘not the fear of death, but rather this more human one of not living enough.’ Deep down, when we say we are afraid of death, what we want is to live a bit longer, because each day we live simultaneously brings us closer to death and, somehow, keeps it at bay.”

(In *José @ Pilar*, unreleased conversations with Miguel Gonçalves Mendes, 2001)

“When I die... if there were to be a tombstone on the site where they put me, it could say something like this: ‘Here lies, in outrage, what’s-his-name.’ In outrage, of course, for two reasons: first, because he’s no longer alive, which is reason enough for our outrage, second, and more seriously, outraged at having entered an unjust world, and having left an unjust world. But we have to go on, we have to go on, it’s necessary to go on.”

(“Saramago among us”. *Magna Terra*, Guatemala, no. 8, March-April, 2001. Interview with J. L. Perdomo Orellana and Maurice Echeverría).

“**JosÉ:** The bad, the worst thing about death, you see, is having to say: ‘I am here now and one day I won’t be.’

Here, or wherever. You walk around Lisbon, you walk the streets and you find Avenida da Liberdade, which is pretty, and you look at the trees and say: ‘I am here and one day I won’t be.’ This is what there is, what is sad. But it is not worth thinking about.

Better still, for me the ideal in life, the ideal in life would be to be a tree... to be a tree. The tree is there, it is nourished directly from the ground, from the earth, it grows, it opens up, it blooms if it’s a flowering tree or it bears fruits. And it lives the time it has to live, a sequoia lives a thousand years. There are olive trees in our country that are a hundred years old, and often a few hundred years old. But everything comes to an end. This idea that the earth is and has always been like this way, and that it must always be this way, no. One day it will vanish. One day the sun vanishes, the sun’s light goes out, the solar system disappears, and it’s over.

And the universe will not even realize that we ever existed. The universe will not know that Homer wrote the *Iliad*. And why should the universe have to know about that? How could it ever know?”

(Transcription of the video edited for the exhibition).

“Our only defence against death is love.”

BANCO SANTANDER | BRASIL

Álvaro de Souza
Presidente do Conselho de Administração
Chairman of the Board of Directors

Sérgio Rial
Presidente
President

Marcos Madureira
Vice-Presidente Executivo de Comunicação, Marketing, Relações Institucionais e Sustentabilidade
Executive Vice President for Communication, Marketing, Institutional Affairs and Sustainability

Paola Costa Sette
Superintendente de Marca, Cultura e Patrocínio
Superintendent Brand, Culture and Sponsorship

SARAMAGO – OS PONTOS E A VISTA

Curadoria Curator
Marcello Dantas

Produção Production
Magnetoscópio

Realização dos Vídeos Video Director
Miguel Gonçalves Mendes

Fundação José Saramago
José Saramago Foundation
Presidenta da Fundação President of the
Foundation – Pilar del Río
Diretor de Comunicação Director of
Communications – Ricardo Viel

Produção Executiva Executive
Production
MadaíArt | Angela Magdalena

Coordenação de Conteúdo e Roteiro
Content and Script Coordinator
Camila Mouri

Desenvolvimento de Projeto Project
Development
Carolina Filippini

Coordenação de Projeto Project
Coordination
Tarsila Riso

Arquitetura Architecture
Isa Gebara
Marcella Verardo

Produção Production
Gabriel Pires de Camargo Curti

Assistente de Produção Production Assistant
Adriana Rodrigues

Comunicação Visual Design
19 Design | Heloisa Faria
Elisa Janowitzzer

Produção dos Vídeos Video Producer
Edu Garcia

Edição dos Vídeos Video Editor
Pedro Sousa

Produção Gráfica Graphic Production
Maria Eugênia Porto da Silveira
Jocelino Pessoa
Carlos Silveira

Coordenação de Montagem de Obras
Assemble Coordinator
Primeira Opção | Sergio Santos

Montagem Audiovisual e Iluminação
Audiovisual Instalation and Lighting Design
MMV: Mauro Montagem Vídeo

Concepção 3D 3D Design
Archimidia | André Wissenbach

Revisão e Tradução Proofreading and
Translation
Manoel Giffoni

Copidesque Copy Editing
Cícero Oliveira
Matthew Rinaldi

Seguro Insurance
Affinitè Consultoria e Corretagem de Seguros

Assessoria Jurídica Legal Advice
Olivieri & Associados

Transporte Transportation
Waiver Arts

Cenografia Scenography
Artos Cenografia
Quilombo Cenografia
Lanó Art

Apoio Administrativo Administration
Support
Dário Francisco
Rodrigo Marcel

Fotografias Photographs
Acervo de Miguel Gonçalves Mendes / Miguel
Gonçalves Mendes's archives
Fundação José Saramago / José Saramago
Foundation

Agradecimentos Acknowledgements
António Gomes
Barbara Kerr
Helena Severo
Oscar Piñeiro
Sérgio Machado Letria

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Cip)
Carla Lopes Ferreira (Bibliotecária CRB1-2960)

D192s

Dantas, Marcello
Saramago: os pontos e a vista / Marcello Dantas.
– 1. ed. – São Paulo, SP: [s.n.], 2018.
76 p. ; 26,5x26,5cm.

ISBN 978-85-5697-480-8

1. Cinema e literatura. I. Saramago, José. II. Título.

CDU 791 CDD 791.43



PATROCÍNIO



PRODUÇÃO

Magnetoscópi©

PARCERIA



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA

